

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

Priscilla Santos de Moraes

**LIVROS QUE LIVRAM: PLANO DE COMUNICAÇÃO PARA
PROJETO DE LEITURA EM CÁRCERE**

Santa Maria, RS
2019

Priscilla Santos de Moraes

**LIVROS QUE LIVRAM: PLANO DE COMUNICAÇÃO PARA PROJETO DE
LEITURA EM CÁRCERE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria para obtenção de grau em **Publicidade e Propaganda**.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Santa Maria, RS

2019

Priscilla Santos de Morais

**LIVROS QUE LIVRAM: PLANO DE COMUNICAÇÃO PARA PROJETO DE
LEITURA EM CÁRCERE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria para obtenção de grau em **Publicidade e Propaganda**.

Aprovado em 05 de dezembro de 2019:

Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, Dr^a (UFSM)
(Orientadora)

Alessandra Alfaro Bastos, Mestre (UFSM)

Tauana Mariana Weinberg Jeffman, Dr^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

Percorrer este caminho foi desafiador, mas ele não seria possível se não houvessem pessoas incríveis as quais conheci ao longo de minha jornada de vida.

Gratidão à Deus pela vida e por todos os obstáculos enfrentados durante a academia.

À minha mãe pela educação, carinho e afeto, valores transmitidos e principalmente por acreditar em mim quando nem eu mesma sabia da força que tinha.

Ao meu pai (em memória) pelos ensinamentos passados no curto período que tivemos juntos e ao meu irmão por ser um grande companheiro de aventuras e estudos.

Ao Welson Jr. por segurar minha mão, principalmente nos momentos de dúvida e medo e me mostrar que nunca é tarde para corrermos atrás de nossos sonhos.

À minha família e amigos por acompanharem meus passos e estarem sempre presentes, independentemente do tempo ou espaço. Às minhas chefes favoritas, Clelia e Elci que se tornaram parte da família e ao Núcleo de Comunicação do Centro de Educação da UFSM pelo apoio, carinho e suporte.

À minha parceira de projeto e super amiga Lu com quem tenho a honra de conviver, gratidão pelos desafios que enfrentamos nessa jornada e pelo o que ainda está por vir.

À nossa orientadora, Dr^a Milena Freire que abraçou a nossa ideia e aceitou o desafio de criar esse projeto que com certeza irá transformar muitas vidas ainda, assim como transformou as nossas. Ter a oportunidade de ser orientada por ti é uma honra porque a senhora é uma fonte de força, persistência, afeto e inspiração.

À Prof^a Dr^a Márcia Paixão, por ser uma referência e nos apoiar durante essa caminhada tão bonita e desafiadora.

À Prof^a Dr^a Tauana Jeffman por participar da minha jornada acadêmica, por acompanhar e fazer parte do meu crescimento, por sua generosidade, gentileza e amor em compartilhar seus conhecimentos enquanto profissional, amiga e ser humano incrível.

E por fim, mas não menos importante, à Nikita, minha companheira canina que esteve presente nas longas madrugadas de produção e nos momentos de aflição.

Gratidão por viver mais essa aventura!

“Quem tem apenas aspirações
individuais jamais entenderá uma
luta coletiva”
(Autor desconhecido)

RESUMO

LIVROS QUE LIVRAM: PLANO DE COMUNICAÇÃO PARA PROJETO DE LEITURA EM CÁRCERE

Autora: Priscilla Santos de Moraes

Orientadora: Prof^a Dr^a Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Este projeto experimental traz uma discussão sobre o sistema carcerário brasileiro e projetos sociais realizados nesses espaços, trazendo também um recorte de gênero. Através do projeto “Livros que livram” que teve início no primeiro semestre de 2019, estudantes e professoras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), iniciaram um trabalho de leitura em cárcere com mulheres e homens de duas casas penais da cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul. O projeto tem o intuito de desenvolver o hábito de leitura entre carcerários (as), possibilitando alternativas de ressocialização através da educação, em uma perspectiva emancipatória dos e das cidadãos. A participação no projeto, além de trazer benefícios a longo prazo para os (as) carcerários (as), também possibilita benefícios a curto prazo, uma vez que cada leitura de um livro, pode se reverter em quatro dias de remição da pena. Tendo como principal problema a falta de recursos para sua manutenção, foi criado um Plano de Comunicação a fim de dar visibilidade ao projeto e arrecadar doações de livros para que o mesmo possa ter continuidade. Trazemos também algumas reflexões sobre a temática do cárcere, população extremamente invisível e renegada de direitos humanos básicos.

Palavras-chave: Cárcere; Educação; Leitura; Plano de Comunicação.

RESUMEN

LIBROS QUE LIBRAM: PLAN DE COMUNICACIÓN PARA PROYECTO DE LECTURA EN CÁRCEL

Autore: Priscilla Santos de Morais

Asesor: Prof^a Dr^a Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz

Ese proyecto experimental trae una discusión sobre el sistema penitenciario brasileño y los proyectos sociales realizados en estos espacios, trayendo también un recorte de género. A través del proyecto “Libros que libran” que tuvo inicio en el primer cuatrimestre de 2019, estudiantes y maestros de la Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), empiezan un trabajo de lectura en cárcel con mujeres y hombres de dos penitenciarias de la ciudad de Santa Maria - Rio Grande do Sul. El proyecto tiene el intento de desarrollar el hábito de lectura con carceleros (as), permitiendo alternativas de resocialización a través de la educación, en una perspectiva emancipatoria de los ciudadanos (as). La participación en el proyecto, además de traer beneficios a largo plazo para los carceleros (as), también permite beneficios a corto plazo, pues a cada lectura de uno libro, pueden revertir en cuatro días de remisión de la pena. Teniendo como principal problema a falta de recursos para su manutención, fue creado un Plan de Comunicación, a fin de dar visibilidad al proyecto y recaudar donaciones de libros para que el mismo pueda tener continuidad. Traemos también algunas reflexiones sobre el tema del cárcel, población extremadamente invisible y renegada de los derechos humanos básicos.

Palabras-llave: Cárcel; Educación; Lectura; Plan de Comunicación.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Forças, fraquezas, oportunidades e ameaças.....	43
Quadro 2 - Release.....	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livros que livram - a marca.....	48	
Figura 2- Variações da marca, colorida (A), branco (B) e preto (C)	49	
Figura 3 - Paleta de cor utilizada para criação da marca.....	50	
Figura 4 -Tipografia da marca: Garden Grown US B.....	51	
Figura 5 - Referência I.....	52	
Figura 6 - Referência II.....	52	
Figura 7 - Referência III.....	52	
Figura 8- Referência IV.....	52	
Figura 9 - Conheça o projeto.....	53	
Figura 10 - Onde acontece?.....	54	
Figura 11 - Metodologia.....	54	
Figura 12 - Quem atua?.....	55	
Figura 13 - Objetivos.....	55	
Figura 14 - Contribuições.....	56	
Figura 15 - Quantas pessoas participam?.....	56	
Figura 16 - Livros trabalhados no projeto.....	57	
Figura 17 - O que precisamos?.....	57	
Figura 18 - Como ajudar?.....	58	
Figura	19	-
Banner.....	60	
Figura 20 - Foto para o release.....	62	

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 O SISTEMA CARCERÁRIO NO BRASIL: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS	15
2.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CÁRCERE	18
2.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA POPULAÇÃO ENCARCERADA	23
2.4 EDUCAÇÃO NO CÁRCERE	26
2.5 REMIÇÃO PELA LEITURA: LIVROS QUE LIVRAM	30
3 PLANO DE COMUNICAÇÃO	34
3.1.1 O produto	34
3.1.2 Análise situacional	34
3.1.2.1 Macroambiente	35
3.1.2.2 Microambiente	36
3.1.3 Análise SWOT	37
3.1.4 Problema	45
3.1.5 Objetivo de comunicação	45
3.1.6 Público alvo	46
3.1.7 Concorrentes diretos e/ou indiretos	47
3.1.8 Posicionamento	47
3.1.9 Conceito criativo	47
3.2 Estratégias	48
3.2.1 Plano de ação	48
3.3 MARCA	48
3.3.1 Cor	50
3.3.2 Tipografia	51
3.3.3 Referências	52
3.4 INSTAGRAM	53
3.4.1 Paleta de cores	54
3.4.2 Postagens	54

3.5 BANNER	59
3.6 RELEASE	61
3.7 PARCERIAS COM EDITORAS E SEBOS.....	64
3.8 RODAS DE CONVERSA	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto surgiu a partir da participação de uma das autoras deste trabalho (Luciana) no projeto Livros que Livram, com mulheres em cárcere do Presídio Regional de Santa Maria. As dificuldades financeiras a qual o projeto vinha passando, motivou a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, que une forças do Jornalismo e da Publicidade e Propaganda.

Temos como objetivo geral a criação de um Plano de Comunicação que apresente o projeto Livros que Livram e mostre a sua importância/relevância, evidenciando a necessidade de apoiá-lo por meio de doações de livros. E como objetivos específicos: produzir peças comunicacionais para apresentar o projeto; trazer a teorização sobre o cárcere brasileiro, a fim de fundamentar o Plano de Comunicação; contribuir para fomentar a escassa pesquisa sobre o cárcere na área da Comunicação.

Como projeto experimental, trazemos além da teorização sobre o cárcere, ações práticas de comunicação, que podem contribuir para dar visibilidade ao projeto e, deste modo, conseguir a arrecadação de livros para sua continuidade. Destacamos que a temática do cárcere é de extrema relevância para a sociedade, que se mostra muito preocupada com a violência que a acomete, mas pouco discute e problematiza o sistema carcerário brasileiro.

Trazemos neste trabalho, um breve contexto histórico sobre o sistema carcerário brasileiro, delimitando as especificidades de gênero neste ambiente. Assim como os demais espaços da sociedade, também reproduz-se a lógica do patriarcado nas prisões. Nesse contexto, apontamos as representações sociais das pessoas em cárcere, que são marcadas por muito preconceito e estigma, não possuindo direitos básicos para a dignidade da pessoa humana.

Nos últimos capítulos do referencial teórico, mostramos a importância de projetos de educação em cárcere, que assim como o Livros que livram, contribuem para a ressocialização dos sujeitos através de maneiras alternativas, que buscam a autonomia, o conhecimento e a emancipação dos sujeitos. No último capítulo do referencial teórico, apresentamos o Livros que livram, projeto tão importante para a concretização deste trabalho de conclusão de curso.

Posteriormente, trazemos a proposta de intervenção, através das ações de comunicação. Elaboramos um Plano de Comunicação, que analisa o ambiente no qual o projeto está inserido, as demandas que são necessárias, as potencialidades e dificuldades para

sua efetivação. Por fim, propomos e colocamos em prática algumas das ações presentes no plano, a fim de contribuir para sua visibilidade na sociedade.

O sistema carcerário brasileiro, ainda é um objeto de estudos pouco frequente no campo da comunicação. Como futuras profissionais de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, buscamos através deste trabalho contribuir para a realização de pesquisas nesta área, a fim de problematizar e dialogar com o pensamento hegemônico da sociedade.

Dados do INFOPEN (2017) apontam a população carcerária brasileira é de 726.354 pessoas, enquanto que o número de casas prisionais é de 423.242, o que gera um déficit de 303.112 vagas. Só este dado já é suficiente para ter uma breve ideia das condições que essas pessoas em privação de liberdade encontram dentro das casas prisionais brasileiras.

Ao longo deste trabalho buscamos elucidar outras problemáticas que são encontradas no cárcere, como a falta de acesso a atendimentos de saúde, a educação, entre outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O SISTEMA CARCERÁRIO NO BRASIL: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS

Os sistemas prisionais atuais são reflexos e consequência de sistemas de punição, construídos ao longo da história. Uma das teorias do conceito de prisão surge nos mosteiros da Idade Média.

Com o propósito de punir os monges e clérigos que não cumpriam com suas funções, estes que faltavam com suas obrigações eram coagidos a se recolherem em suas celas e se dedicarem à meditação e à busca do arrependimento por suas ações, ficando, dessa forma, mais próximos de Deus (MACHADO, SOUZA, SOUZA, 2013, p. 2).

Criado na Mesopotâmia por volta de 1700 a.C., o Código de Hamurabi é considerado o texto mais remoto descoberto, composto por um conjunto de leis que regiam o Império da época. Segundo Alessandra Bastos e Alessandro Bastos (2010, s/p) “o Código de Hamurabi, baseado na Lei do Talião “Olho por olho dente por dente”. Era extremamente cruel; as penas buscavam apenas a retaliação do crime, através do sofrimento do corpo do acusado”.

Para Bruno Rodrigues (2019, p.1) até o século XVII a prisão não era entendida como pena, o que existia era o encarceramento do ser humano em locais como cavernas, torres, calabouços, que foram considerados, na maioria das vezes, piores que a pena de morte pela situação de total abandono.

O sistema prisional atual assemelha-se na situação do descaso, entre outras coisas, por negligenciar nas questões básicas como acesso à higienização, saúde e educação, direitos que deveriam ser assegurados pelo Estado para todos, independentemente do lugar onde o sujeito está inserido. De acordo com Tailson Pires Costa (2004):

Não é preciso ser presidiário para saber que os estabelecimentos penitenciários no Brasil são sinônimos de locais insalubres e não atingem o mínimo de condições exigido para a preservação da dignidade da prisão do infrator. Celas superlotadas, com pouca ventilação, pouca luminosidade, péssimas condições de higiene e de alimentação, que em hipótese algumas simbolizam e atingem a finalidade da sanção penal (COSTA, 2004, p. 88 apud MACHADO, SOUZA, SOUZA, 2013, p. 8).

Conforme o Banco de Monitoramento de Prisões¹, do Conselho Nacional de Justiça, CNJ, o Brasil possui pelo menos 812.564 presos, sendo 337.126 (41,5%) presos provisórios, pessoas não condenadas, fora os mais de 366 mil mandados de prisão penderes de

¹ BARBIÉRI, 2019.

cumprimento e foragidos. Esses números ajudam a refletir sobre a crença que o investimento na criação de novas unidades e vagas prisionais irá resolver o problema da superlotação, o que agrava a quantidade de rebeliões, facções e crimes cometidos. Segundo Mariana Barcinski e Sabrina Cúnico (2014, p. 67) a população prisional tem aumentado vertiginosamente no Brasil e em outros países. “O encarceramento em massa parece refletir uma estrutura de dominação contemporânea em que predomina o isolamento e a neutralização das pessoas provenientes de classes menos privilegiadas”.

A perda de espaços de liberdade faz parte de diversos aspectos que compõem a desconstituição do eu em locais institucionais onde, principalmente, o Estado detém o poder. Entre as atividades do sistema, as duas principais funcionalidades do sistema de penalidades para efetuar a consolidação seriam a docilização dos corpos e a produção da delinquência.

[...] permitindo por parte das dinâmicas de poder e de dominação social a extração de ganhos estratégicos, seja porque a docilização dos corpos se dirige também à utilização econômica das forças corporais (a domesticação do delinquente em trabalhador), seja porque a produção da delinquência contribui para a moralização da classe trabalhadora e para o ocultamento da criminalidade que se pode associar à classe dominante [...] (CHIES, 2013, p. 22).

De acordo com Cristina Rauter (2007, p.45) existe no contexto social atual uma súplica, por grande parte da população, pela condenação e confinamento dos infratores da lei. “Há um clamor pela punição, pelo encarceramento, que se dissemina por amplos setores da população, chegando a justificar a tortura e o extermínio de bandidos”. Tendo a promoção de difundir uma lógica que divide em extremos a população entre cidadãos do bem e honestos e os criminosos, transgressores. Esta lógica atravessa os meios de comunicação, a partir da concepção de que bandido bom é bandido morto, reforçando ainda mais discursos de ódio em escala global.

Gilead Tavares e Paulo Menandro (2004) analisam como a vida de um indivíduo que pode vir a tornar-se um infrator, vivendo e sofrendo a exclusão, as condições excludentes seguem inalteradas no sistema social. E essas condições, de diversas formas, seguem intactas nas relações sociais da instituição do encarceramento, ainda:

Quando ele cumpre sua pena e se torna um ex-presidiário típico, a sociedade à qual ele deverá retornar ainda mantém suas condições excludentes intactas. O que estamos querendo dizer é que a prisão, nas condições socioeconômicas ou prisionais brasileiras, até pode mudar alguma coisa no indivíduo que nela vive, mas não altera a perspectiva com a qual o detento convive, a de que as condições sociais do seu

passado estarão novamente presentes no seu futuro (TAVARES, MENANDRO, 2004, p. 87).

Yumi Miyamoto e Aloísio Krohling (2012, p. 229) dizem que o sistema prisional serve como um mecanismo eficiente que inicialmente foi pensado como forma de adestramento social dos sujeitos com comportamento divergente, desviante. Sendo que este sistema possui mecanismos adequados para tornar esses sujeitos aptos a retornar ao convívio social após estarem devidamente ressocializados. Para Sintia Menezes Santos (2009) existe um equívoco relacionado ao termo reeducação social no cumprimento da sentença:

O Estado quando condena um indivíduo que cometeu um crime contra a sociedade e por consequência aplica a esse uma pena restritiva da liberdade, teoricamente, acredita que após o cumprimento da sentença expedida esse indivíduo estará pronto para voltar, em harmonia, ao convívio social. O que então se costuma chamar de reeducação social, uma espécie de preparação temporária pela qual precisa passar todo criminoso condenado pela justiça (SANTOS, 2009, p. 3).

O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, INFOPEN (2017), com dados fornecidos pelo Departamento Penitenciário Nacional do Ministério da Justiça, a partir da amostra analisada, considera que o perfil da população penitenciária no Brasil é composto por jovens de 18 a 29 anos - que representam 18% da população total no Brasil² e 54% da população no sistema prisional. Em relação à raça, cor ou etnia pode-se afirmar que 63,6% da população carcerária nacional é composta por pessoas negras e pardas e que as mesmas representam 55,4% da população brasileira. Os dados também apontam que a escolaridade dessas pessoas segue a tendência dos anos anteriores, um baixo grau de escolaridade onde 51,3% dessa população possui o Ensino Fundamental Incompleto.

A partir da análise dessas categorias que compõem o perfil da população prisional no país, percebe-se que a criminalidade pode estar de alguma maneira relacionada à baixa escolaridade e ambas estarem conectadas a questão econômica e social. De forma que projetos sociais e educacionais se tornam primordiais para ajudar na reflexão dos sujeitos a entenderem quem são e a que lugar pertencem na sociedade. Santos (2009) alerta que:

O sistema penitenciário necessita de uma educação que se preocupe prioritariamente em desenvolver a capacidade crítica e criadora do educando, capaz de alertá-lo para as possibilidades de escolhas e a importância dessas escolhas para a sua vida e consequentemente a do seu grupo social. Isso só é possível através de uma ação conscientizadora capaz de instrumentalizar o educando para que ele firme um compromisso de mudança com sua história no mundo (SANTOS, 2009, p. 5).

² Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD 2017

A educação acaba sendo o caminho mais certo como ferramenta para ressocialização. Somente privar as pessoas do convívio com o resto da sociedade, não é uma maneira efetiva de promover a ressocialização. Projetos sociais são muito importantes neste contexto, pois contribuem para reinserir as pessoas privadas de liberdade na sociedade de maneira que elas tenham a consciência e a criticidade para responder por suas ações.

2.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CÁRCERE

Para refletir sobre a realidade do cárcere brasileiro, deve-se levar em consideração, que vivemos em uma sociedade patriarcal, na qual a regra é vista a partir da perspectiva masculina. No entanto, assim como qualquer outra vivência, o cárcere é perpassado por especificidades de gênero, etnia, classe, e sexualidades, que precisam ser apontadas.

Quanto ao gênero, há inúmeras particularidades que devem ser pensadas. Luciana Spindola (2016, p.3) apresenta algumas: “a maternidade, o impacto físico e psíquico da alteração cíclica dos hormônios, a gravidez, a amamentação, a saúde ginecológica e a higiene não encontram adequação em um sistema concebido para receber homens, e não, mulheres”.

Histórica e socialmente o cárcere foi planejado como um espaço masculino. As mulheres sempre foram condicionadas ao espaço privado, no cuidado do lar e dos filhos. A docilidade e o cuidado são consideradas características “femininas”. A transgressão e a violência são socialmente vistas como partes da personalidade masculina. Isso se confirma quando percebemos que a maior parte dos estabelecimentos penais são masculinos. Segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias do Ministério da Justiça - INFOPEN Mulheres de 2016, 74% das unidades prisionais destinam-se a homens, 16% são caracterizadas como mistas, mas somente 7% são destinada exclusivamente ao público feminino.

Apesar do baixo número de presídios femininos, essa é a população carcerária que mais tem crescido nos últimos anos. Segundo o INFOPEN (2016) em um período de 16 anos, entre 2000 e 2016, a taxa de aprisionamento de mulheres aumentou em 455% no Brasil, passando de 6 mil mulheres em situação de cárcere em 2000 para 42 mil em 2016. Em comparação, a população masculina no mesmo período cresceu 293%, passando de 169 mil homens encarcerados em 2000 para 665 mil homens em 2016. Conforme Luciana Spindola, o

aumento do encarceramento feminino nos últimos anos ocorre pela inserção no mercado de trabalho:

Registros e dados estatísticos verificados nas taxas de criminalidade nos últimos anos levam a crer que à medida que há maior participação feminina na força de trabalho e maior igualdade entre os sexos, a participação da mulher nas estatísticas criminais também aumenta, bem como aumenta a incidência das mulheres no tráfico de drogas. (SPINDOLA, 2016, p.8)

Quando analisamos as questões históricas do cárcere feminino, podemos perceber as tentativas de controle do comportamento feminino. Aquelas que fugiam dos “bons costumes familiares” e dos comportamentos de “boa moça” eram consideradas desviadas, e desta forma, segregadas da sociedade.

As primeiras instituições carcerárias para mulheres no Brasil tratavam os delitos femininos como pecado e mau comportamento. Dessa forma, essas instituições eram administradas por freiras, como uma espécie de convento. As religiosas, tinham como objetivo a correção moral destas mulheres (LOPES, SILVA, SILVA 2016, s/p)

Devido a rebeliões e violências, as congregações passaram a administração dos “conventos/cárceres” para o Estado. Conforme Vitória, Ana e Jéssica (2016, s/p) “as primeiras instituições adequadas para mulheres foram a de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1937; o presídio de São Paulo e o de Bangu, inaugurados em 1942. Comumente os três eram administrados pelas freiras da Congregação das Irmãs do Bom Pastor d’Angers.” Artur (apud PINEL; RESES, 2018, p.142) aponta que até 1940 não havia nenhuma diretriz que regulamentasse a separação em alas femininas e masculinas. Era dividido ou não, de acordo com a estrutura do local, cabendo às autoridades responsáveis a decisão.

Visto as condições atuais dos presídios, marcados pela precariedade e superlotações, essa realidade não tem se modificado muito. Apesar do crescimento significativo de mulheres encarceradas, a realidade encontrada no Brasil são presídios masculinos abrindo alas femininas para comportar a demanda. Sendo assim, esses improvisos são incapazes de atender as especificidades que necessitam a população feminina. No Rio Grande do Sul, de 92 casas prisionais, somente duas são femininas. Para Leni Colares e Luis Chies:

A prisão é masculina não simplesmente por ter a presença de um número pequeno de encarceradas diante de uma massa carcerária composta de homens, mas porque ‘a medida de todas as coisas’ é o corpo masculino; um corpo que, mesmo em condições de confinamento em um presídio, possui mais poder. (COLARES; CHIES, 2010, p.410).

Segundo o relatório do INFOPEN divulgado em 2016, “entre os eixos que compõem uma análise sobre a relação entre a infraestrutura prisional e a capacidade de assegurar os direitos básicos da mulher presa, encontra-se a questão do exercício da maternidade no ambiente carcerário” (INFOPEN, 2016, p.29). Isso leva em consideração a presença de selas adequadas para gestantes, tempo destinado a amamentação pós parto, berçário e creche.

No entanto, casas prisionais que cumprem essas exigências são minorias no país. No último relatório (2016), apenas 55 presídios brasileiros declararam possuir cela adequada para gestante e 14% possui espaço especial para o período de amamentação da carcerária com seu filho (a). Relativo a creche nas unidades femininas ou mistas, apenas 3% declararam contar com esse espaço. Conforme Cláudia Stella (apud ARMELIN; MELLO E GAUER, 2010, p.6) o único alojamento conjunto para mães e bebês denominado “Creche” no Rio Grande do Sul, se localiza dentro da Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre.

A presença de crianças dentro do sistema carcerário gera divergências entre pesquisadores, pois alguns acreditam que a vivência no ambiente possa trazer consequências psicológicas para a formação dessas crianças. No entanto, outros defendem que o afastamento da mãe com seus filhos nos anos iniciais de sua vida possa trazer uma grande carência no desenvolvimento.

Impedir o convívio da mãe com seu novo bebê seria mais uma das várias privações que a detenção ocasionaria para a mulher. Essa proibição, como refere Lemgruber (1999) é dolorosa e difícil de suportar, pois interfere no convívio com familiares e filhos. Ter a chance de ficar próxima ao bebê na cela pode dar às mães motivação para um melhor cumprimento da pena. (LEMGRUBER apud ARMELIN, MELLO e GAUER, 2010, p.13)

A privação de liberdade das mulheres, de qualquer maneira, acaba por também penalizar os seus filhos, estando eles dentro do sistema prisional ou não. Lemgruber (ibidem) também aponta que “quando o homem é preso, os filhos ficam com suas mulheres. Mas quando a mulher é presa, geralmente o companheiro não fica com os filhos, que acabam sendo penalizados e passam a ter na mãe um referencial negativo.” As crianças acabam, em muitos casos, sendo cuidados por avós ou outros familiares, ou postos a adoção. Essa ausência de uma estrutura familiar sólida também pode contribuir para a inserção dessas crianças e jovens na criminalidade.

Esse afastamento das mães carcerárias com seus filhos também rompe com o mito da “boa mãe”: “as mães, que são as principais guardiãs das crianças em nossa sociedade, quando

presas, são atingidas por imagens negativas e estigmatizadas, ferindo o mito da ‘boa mãe’.” (STELLA apud ARMELIN, MELLO e GAUER, 2010, p.6).

No entanto, cabe ressaltar que em muitos casos, as mulheres acabam praticando atividades ilícitas como o tráfico de drogas no intuito de dar melhores condições de vida aos seus filhos: “A prática do crime pela mulher, no contexto atual do país, está quase sempre relacionada à busca de prover condições de subsistência para seus filhos”. (ARMELIN, MELLO e GAUER, 2010, p.6).

Conforme dados do INFOPEN Mulheres de 2016, crimes de tráfico de drogas correspondem a 62% das incidências penais que levam mulheres a prisão. Ou seja, esse número representa o motivo do encarceramento de 3 a cada 5 mulheres privadas de liberdade. É muito frequente que a mulher assuma o tráfico após o seu marido ser preso, ou passe a levar a droga ao companheiro já encarcerado. O papel das mulheres no tráfico, assim como em muitas outras atividades em nossa sociedade patriarcal, acaba sendo secundário ou de menor hierarquia: “a elas cabe, no mais das vezes, entregar as substâncias aos consumidores ou o transporte da droga, parte, assim, mais suscetível aos riscos de sua saúde e à prisão”. (ARMELIN, MELLO e GAUER, 2010, p.10).

Essas funções de “mulas” (termo popularmente utilizado para pessoas encarregadas de transportar as drogas) as mantêm muito expostas, gerando muitas prisões por flagrante. Isso explica o alto índice de encarceramento feminino entre 2000 a 2016, apontado acima. Segundo Gaudad (apud PINEL e RESES, 2018, p.143):

É bastante significativo que o crescimento da privação de liberdade das mulheres está profundamente ligado à ampliação da demanda e à oferta de drogas, à criação e modificação de leis sancionadoras das mesmas, bem como à recente presença e atuação de mulheres na produção, na venda e na distribuição destas substâncias criminalizadas.

Quanto ao perfil das carcerárias, são importantes algumas considerações. Dados do INFOPEN (2016), apontam que 62% da população prisional feminina no Brasil é composta de mulheres negras, ou seja. “existem aproximadamente 40 mulheres brancas privadas de liberdade para cada grupo de 100 mil mulheres brancas, e existem 62 mulheres negras na mesma situação para cada grupo de 100 mil mulheres negras”. Quanto aos homens, essa desigualdade também se mantém.

Essa disparidade nos dados quanto a questão étnica, reflete muito da realidade da sociedade racista em que vivemos. Cabe ressaltar que racismo no Brasil é considerado crime segundo a Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.

A população negra brasileira é marcada pelo acesso desigual a direitos básicos, menores condições de vida, maiores dificuldades de acesso a oportunidades do que a população não-negra. Adriana Severo (2008, p.5) aponta como a renda dos não-negros, costuma ser o dobro da dos negros, sendo assim, a cada dez pobres seis são negros. Sendo assim, os homens e as mulheres negras são “mais vulneráveis às violências sociais, violências estas que vão se transformar em vulnerabilidade penal, repercutindo no processo de execução penal” (SEVERO, 2008, p.4). No entanto, para a mulher negra, ainda ocorre uma dupla discriminação, o racismo aliado ao sexismo. Conforme a autora:

As mulheres negras são proporcionalmente muito mais punidas com prisão do que as demais mulheres e, mesmo, do que homens negros. Estes dados suscitam questionamentos sobre a seletividade da justiça criminal pressupondo o recorte de raça, gênero e classe social. (ibidem)

Além das disparidades de gênero, etnia e classe social já citadas até aqui, cabe ressaltar a divisão sexual do trabalho que ocorre dentro dos presídios. A lógica da separação de trabalhos considerados “masculinos” e trabalhos “femininos” acaba sendo reforçada no ambiente. Segundo Colares e Chies (2010, p. 413) “cabem aos homens tarefas consideradas viris e às mulheres tarefas associadas à noção de abnegação e vocação como marca do feminino”. Dessa forma, os autores apontam como a grande maioria das mulheres que trabalham dentro dos presídios ocupam cargos de cozinheira, faxineira, artesãs ou costureiras. Reproduzindo a ideia de que as mulheres cabe a vida doméstica.

Essas desigualdades mencionadas ao longo deste capítulo, nos fazem refletir sobre as perspectivas de gênero, que perpassam todos os espaços da vida em sociedade. No prefácio do livro “Presos que menstruam” da jornalista Nana Queiroz, há uma frase importante que elucida a questão:

É fácil esquecer que mulheres são mulheres sob a desculpa de que todos os criminosos devem ser tratados de maneira idêntica. Mas igualdade é desigual quando se esquecem das diferenças. É pelas gestantes, os bebês nascidos no chão das cadeias e as lésbicas que não podem receber visitas de suas esposas e filhos que temos de lembrar que alguns desses presos, sim, menstruam. (QUEIROZ, 2015, s/p)

Quando pensamos nas mais de 42 mil mulheres encarceradas no sistema penitenciário brasileiro, parece que esse número nada diz. São mulheres que se encontram historicamente

numa trajetória de invisibilidade como sujeitas no espaço público e subordinadas no âmbito privado, longe muitas vezes de seus direitos humanos básicos. Cabe a nós, abriremos os olhos para tal realidade e pensarmos maneiras para mudar os dados estatísticos destas carcerárias.

2.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA POPULAÇÃO ENCARCERADA

Quando pensamos na população carcerária brasileira, são inúmeros os estigmas e preconceitos envolvidos, que necessitam ser pontuados. Tanto a sociedade, quanto a mídia são atores ativos nesse processo de estigmatização do cárcere. O sociólogo canadense Erving Goffman (1991), conceitualiza o estigma da seguinte maneira:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma. (GOFFMAN, 1991, p.6)

Goffman subdividiu em três o “perfil” de pessoas frequentemente estigmatizadas. Em primeiro lugar, há as “abominações do corpo - as várias deformidades físicas”, em segundo “as culpas de caráter individual” e em terceiro, “os estigmas tribais de raça, nação e religião”. Dessa forma, os carcerários (as), encontram-se na segunda subdivisão, que abrange: “distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo³, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical”.

Sendo assim, pessoas que possuem um estigma social, são vistas como diferentes pelas pessoas “normais”, causando em muitos casos repulsa e afastamento. Essas pessoas são empurradas para a margem da sociedade para que se mantenham distantes dos demais. A população carcerária, faz parte dessa realidade. Pode-se exemplificar isso através da pesquisa publicada em 2015 pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em que 50% dos brasileiros concordaram com a frase de que “bandido bom é bandido morto”.

Quanto a população carcerária, a repulsa é tão grande, que 50% dos brasileiros não estão satisfeitos com a segregação dessas pessoas da sociedade, mas as queriam mortas. Dessa forma, Ana Maria de Barros e Maria Dantas (2016, p.7) pontuam que “pensar a prisão como espaço político da recuperação e da retomada da vida comum para um criminoso chega a ofender o cidadão comum, que espera mais que uma pena: aguarda vingança e retribuição.”

³ Correção: homossexualidade

No entanto, o estigma de - criminoso - não ocorre de maneira tão simplista quanto pode parecer. Ou seja, não se dá instantaneamente a realização de uma prática considerada ilícita pela lei, mas sim através da reação da sociedade. Conforme Gabriele Pinheiro (2019) as reações sociais não abrangem a todos de forma igualitária, pois, a depender da espécie delitiva cometida ou mesmo da pessoa que infringiu a norma, a resposta dos cidadãos ao fato pode ser relativizada ou potencializada”. Dessa forma:

Há seletividade na aplicação das etiquetas do crime na medida em que fatores como a condição financeira, a cor, a escolaridade, ou mesmo o local de moradia constituem razão para relativizar o tratamento quanto aos autores de ilícitos que não se encaixam no padrão de “criminoso” advindo das reações sociais. (PINHEIRO, 2019, p.24)

Um exemplo dessa seletividade quanto ao crime pode ser vista também através da cobertura da mídia. Sendo que quando um jovem negro e pobre é detido com drogas, esse é retratado pelo noticiário como “jovem é **preso** por tráfico de drogas”⁴. Enquanto que o mesmo delito cometido por um jovem branco de classe média/alta é abordado como “jovem é **suspeito** de intermediar venda de drogas”⁵. Os autores dos crimes de colarinho branco, conforme Helpes (apud PINHEIRO, 2019, p.23), possuem um alto status socioeconômico, e, muitas vezes, esses crimes passam despercebidos, constituindo a chamada cifra dourada.

Nesse contexto, para a sociedade brasileira, um crime de roubo é punido e visto pela sociedade como mais grave do que uma sonegações de impostos (PINHEIRO, 2019, p.24). Visto isso, podemos perceber como não existe um perfil para que uma pessoa cometa um delito, mas sim um perfil para que esta receba esse estigma de criminoso. A tentativa de imposição de um “perfil para o criminoso”, já foi proposta no final do século XIX. O criminologista e higienista Cesare Lombroso em seu estudo intitulado “Teoria do Criminoso Nato”, instituiu o perfil do criminoso através de características morfológicas.

Para Lombroso, os criminosos natos apresentavam “mandíbulas volumosas, assimetria facial, orelhas desiguais, falta de barba nos homens, pele, olhos e cabelos escuros” (FERNANDES, 2018, s/p). Ou seja, o perfil do criminoso eram cidadãos fora do padrão europeu. Os estudos de Lombroso “acabaram por estigmatizar, como delinquentes, os mais

⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/11/20/homem-e-presos-por-trafico-de-drogas-na-br-116-em-l-eopoldina.ghtml> Acesso em: 10/09/2019

⁵ Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/11/14/advogada-e-presa-por-intermediar-venda-de-cocaina-no-ceara-ela-pedia-r-15-mil-para-cada-quilo-segundo-a-policia-civil.ghtml> Acesso em: 10/09/2019

diversos indivíduos inocentes que, por simplesmente trazerem consigo sinais característicos de sua origem, miscigenada ou não”. (BEZERRA, 2015, s/p)

A teoria de Lombroso caiu em desuso, no entanto ainda parece influenciar muito a sociedade atual. Martini (apud PINHEIRO, 2019, p.2) destaca que “as forças policiais abordarão mais facilmente aqueles com o estereótipo de potenciais criminosos forjados pelo senso comum, e a imprensa noticiará com mais assiduidade os delitos patrocinados por membros das classes perigosas.”

A classe perigosa para os policiais, é aquela dos negros, pobres e periféricos, que como visto no capítulo 2.2 são a maior parte da população encarcerada do país. “A situação “criminalidade” tem uma conotação estigmatizada, socialmente acompanhada, se não “acoplada” à condição de pobreza”. (PRATES, 2006, p. 536).

A mídia participa ativamente nesse processo de estigmatização de indivíduos. Os meios de comunicação, principalmente aqueles que têm alto alcance “são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste modo, para a disseminação de pânico morais”. (FREIRE FILHO, 2004, p. 49)

Segundo Vanessa Lima (2017, p.8) a mídia acaba contribuindo para a manutenção da ideia social de que encarcerar é a solução, reforçando o pensamento de que há um inimigo que necessita ser combatido. Isso acaba gerando uma comoção social, e também uma sensação de pânico moral. A narrativa jornalística coloca o tráfico de droga como o motivo da violência, e o traficante o inimigo que precisa ser combatido (leia-se: morto, para a metade da população brasileira).

Apesar da grande cobertura da criminalidade da mídia brasileira, visto que a todo momento lemos/vemos notícias sobre roubo, tráfico de drogas, assassinatos, etc, o cárcere pouco é relatado e problematizado na mídia. No entanto, não somente a produção midiática quanto ao cárcere é precária, mas também a produção científica sobre essa temática na área da comunicação. Ao realizar essa pesquisa no google acadêmico e mananciais de teses e dissertações, poucas análises sobre a cobertura midiática do cárcere e da população carcerária foram encontradas. Para Karina Prates, a mídia parece retratar o cárcere somente em momentos de alteração da ordem:

As prisões mostram-se presentes ao interesse social apenas nos momentos em que sua rotina institucional é fortemente abalada, como nos casos específicos de rebeliões, motins, fugas e massacres, que são veiculados pelos meios de comunicação e, a partir daí, incluídos no cotidiano “privado” das pessoas. Uma variada gama de sensações/sentimentos prolifera, configurando reações de repulsa,

ódio, vingança, curiosidade, morbidez, compaixão e até solidariedade. (PRATES, 2006, p.534).

Essa baixa presença do tema na mídia e em pesquisas na área da comunicação também nos trouxe algumas reflexões acerca da problemática. O silêncio também está carregado de uma mensagem. A população carcerária encontra-se a margem da sociedade, distante muitas vezes de direitos humanos básicos, como acesso a saúde e educação. É uma população invisível. Não seria diferente na mídia.

2.4 EDUCAÇÃO NO CÁRCERE

A educação é um tema bastante discutido nos dias atuais, sendo a partir dela que a ressocialização pode acontecer, por isso é muito importante pensar formas que possibilitem a concepção de ensino e aprendizagem como propõe Santos (1997, p. 122) onde “as pessoas e os grupos sociais têm o direito de serem iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a serem diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

Desenvolvido pela Organização das Nações Unidas, ONU, entre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)⁶, para transformar o mundo, o número 4 se refere a educação de qualidade: "assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos. No item 4.3, o documento sugere que até 2030, se possa "assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade". Já no item 4.4, prevê até o mesmo ano "aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho docente e empreendedorismo”.

Tudo isso parece ser muito bonito e com certeza necessário, mas na prática ainda está muito longe de acontecer. Quando se fala em ressocialização, educação carcerária, políticas educacionais e outros temas relacionados à educação prisional, assuntos com o tema de educação de qualidade e inclusiva com oportunidades para todas e todos ficam ainda mais distantes, embora a educação seja um direito humano básico.

A prisão é vista como local entre o mundo de criminalidade e o restante da sociedade. Sendo ela configurada como um aparelho administrativo do Estado com a função de

⁶ Fonte: Nações Unidas - Brasil.

modificar os condenados, fazendo com que estes retornem ao convívio social teoricamente ressocializados e reeducados.

As prisões, sob a ótica da ressocialização entre muralhas, hoje se configuram em espaço físico onde o Estado consolida e legitima sua política pública de controle e repressão aos desviantes. Para a sociedade, as prisões estão legitimadas como espaço pedagógico necessário de punição e de proteção a sua própria segurança e sobrevivência. (CUNHA, 2010, p. 166).

Para Cunha (2010) ao mesmo tempo que atribui à prisão o papel de espaço de cuidado e proteção, acusa a mesma como espaço meramente punitivo e homogêneo que não leva em consideração as diferenças entre os internos e internas, seja essa desigualdade marcada pela diferença de nível socioeconômico, de gênero, étnico-racial, nível de escolaridade, entre outros. Essas diferenças devem ser levadas em conta quando se fala do papel da educação no processo de ressocialização por uma considerável parcela da sociedade encontrar-se em precárias condições socioeconômicas e assistenciais que deveriam ser asseguradas pelo Estado. A baixa escolaridade, mesmo com o aumento do acesso à educação escolar nas últimas décadas, ainda constitui a realidade da maioria da população brasileira, e a vulnerabilidade deste grupo se torna ainda maior quando relacionado a criminalidade.

Segundo Dourado (2007) é importante situar, ainda, a existência de uma gama de estudos e pesquisas que sinalizam para a educação a partir da ênfase na teoria do capital humano, defendendo a centralidade desta prática social no processo de desenvolvimento econômico sustentável e equitativo.

[...] o importante papel assumido pela educação no processo de mudança e inserção social, vislumbra as possibilidades e os limites interpostos a essa prática e sua relação de subordinação aos macros processos sociais e políticos delineados pela formas de sociabilidade vigentes. Isto quer dizer que a educação é entendida como elemento constitutivo e constituinte das relações sociais mais amplas, contribuindo contraditoriamente, desse modo, para a transformação e manutenção destas relações. (DOURADO, OLIVEIRA & SANTOS, 2007, p. 11).

Partindo do ponto que a educação deve ser entendida como elemento essencial e que faz parte das amplas relações sociais, e que essas relações contribuem para a transformação, pensar a educação no cárcere é tão importante quanto pensar a educação em qualquer outro âmbito social.

Elenice Onofre e Elionaldo Julião (2013) analisam que para compreender o papel da educação na política de execução penal deve-se discutir políticas de inclusão em espaços privados de liberdade. Portanto é do Estado a responsabilidade de promover práticas de fortalecimento e controle de políticas públicas para que os direitos humanos básicos sejam

garantidos, com igualdade para todos os indivíduos, incluindo-se aqueles que se encontram em privação de liberdade.

O indivíduo em situação de privação de liberdade é um sujeito de direitos, que embora tenha cometido um delito, não deixa de pertencer à sociedade, nem perdeu suas capacidades. Pelo contrário, trata-se de uma pessoa dotada de vontades, possuidora de necessidades e potencialidades, e cujas demandas devem ser ouvidas e atendidas (SALINAS apud ONOFRE & JULIÃO, 2013, p. 59).

A educação no sistema prisional, assim como em outros espaços, não é apenas ensino, mas, sobretudo, desconstrução/reconstrução de ações e de comportamentos. Ela lida com pessoas dentro de um contexto singular e deve ser uma oportunidade para que as pessoas decodifiquem sua realidade e entendam causas e consequências dos atos que as levaram à prisão. A educação é nesse sentido, o caminho para a compreensão da vida, para decodificar e reconstruir com outras ferramentas – desconstrução/reconstrução as suas ações e seus comportamentos. (ONOFRE & JULIÃO, 2013, p. 60)

Para os autores, pensar educação nesse contexto significa repensar a instituição prisão como uma comunidade de aprendizagens que envolve todos seus atores, dotando os aprisionados de conhecimentos, valores e competências que lhe permitam reconhecer-se como sujeito de direitos, que conduz a própria vida no presente e ressignifica seu passado em direção a um projeto de vida futura.

A política de leitura implementada no sistema penitenciário nacional traz o incentivo à leitura como um dos meios alternativos para a socialização do preso. Partindo de políticas de distribuição de livros, principalmente através de programas federais, para uma parcela significativa da população. Para Julião e Paiva (2014, p.112) atualmente a escola acaba assumindo importante papel na formação de leitores e novos leitores, que avancem da condição de usuários da língua escrita. Especialmente quando se trata de democratização da educação e da cultura, em um país tão desigual. O papel da escola se torna insubstituível, por ser considerada a instituição das mais democratizadas da sociedade brasileira.

A aprovação das Resoluções do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCC) n. 3, de 11 de março de 2009 (BRASIL, 2009a), e do Conselho Nacional de Educação (CNE) n. 2, de 19 de maio de 2010 (BRASIL, 2010), regulamentam as Diretrizes Nacionais para a oferta de educação nos estabelecimentos penais. Além da elevação de escolaridade, a leitura é considerada fundamental no processo educativo, em ambas resoluções, sendo um dos meios encontrados para a ressocialização do preso.

Por não ser consolidada como políticas do Estado, a cada ano surgem novas ideias, que se transformam em projetos e programas, que são apresentadas pelo poder público e pela sociedade civil como possíveis respostas para resolver as questões das políticas de execução penal e socioeducativa.

O Departamento Penitenciário Nacional, DEPEN, do Ministério da Justiça aprovou em abril de 2008, em parceria com os 27 estados da federação, o Plano Diretor do Sistema Penitenciário, composto por 22 metas definidas pela União que abrangem amplamente as necessidades existentes no Sistema, a fim de reestruturar o atual modelo penitenciário. O Plano visa alcançar o compromisso dos estados com o investimento em diversas ações no âmbito político e administrativo, almejando como resultado “um sistema mais humano, seguro e que atenda à legalidade quanto ao tratamento básico a ser dispensado à pessoa em situação de encarceramento” (BRASIL, 2008c).

Além das remições por estudo e por trabalho, recentemente, “os tribunais brasileiros reconheceram através de portarias uma nova forma de remição pelo estudo; alguns dos quais passaram a adotar nos respectivos estabelecimentos prisionais; a remição por leitura.” (STEIN, APARECIDA, CUNHA, 2017, s/p)

A remição pela leitura é uma recomendação do Conselho Nacional de Justiça⁷ (CNJ) de n. 44, do dia 26 de Novembro de 2013. Como recomendação, ela não obriga a sua implementação, apenas regulamenta. Sendo assim, a responsabilidade para implementação e funcionamento não é responsabilidade do judiciário, mas sim da casa penal que aderir.

O documento aponta que o remição pela leitura deve estimular preferencialmente os carcerários (as) que não estejam assegurados os direitos de trabalho, estudo ou qualificação profissional. A participação do apenado (a) deve se dar de forma voluntária.

O Art.1 (V), aponta que o (a) carcerário (as) terá um prazo de 21 a 30 dias para realizar a leitura da obra, para posteriormente produzir a escrita de uma resenha. Caso os avaliadores considerem que foi efetuada a compreensão da leitura, o presidiário (a) recebe 4 dias de remição da pena. Quem realiza as correções das resenhas são os monitores, enquanto que juiz julga os pedidos de remição. Após um ano de participação no projeto, com a leitura de 12 obras, será possível receber o máximo de 48 dias de remição.

Conforme Débora e Marilu (2014, p.5) projetos como o remição pela leitura propõem “não apenas diminuir o tempo de encarceramento, mas oportunizar o acesso à cultura. Diante

⁷ Disponível em: conjur.com.br/dl/portaria-44-cnj.pdf Acesso em: 11/10/2019

dessa condição, espera-se que o educando amplie sua capacidade de ler, de imaginar, de criar e de desenvolver questionamentos”.

A leitura surge como agente transformador em um sistema um tanto desigualitário. Projetos com a ação da leitura juntamente com o desejo dos carcerários transformam a maneira de olhar o mundo e de se reconhecer. Para Valquíria John (2004):

As representações são construídas a partir da vivência antes do ingresso na prisão, de sua prática como leitores (ou não) e reforçadas pelas condições da vida em confinamento, representações estas que são o resultado de todo o processo de socialização daqueles sujeitos, das interações sociais que vivenciaram e vivenciam e construídas a partir dos saberes provenientes do senso comum (JOHN, 2004, s/p).

Um exemplo de projeto de remição pela leitura que cabe ser citado é o “Palavras da salvação” onde a pesquisa de John (2004) “teve como objetivo conhecer as representações atribuídas pelos presidiários de um estabelecimento penal no estado de Santa Catarina à leitura que realizavam da mídia impressa”. A partir da grande problemática de entender que tipos de leitores encontravam ali presentes, quais as relações que possuíam com a leitura que fazem e quais representações era atribuídas. Assim, o acesso à leitura aos apenados era considerado uma ferramenta que possibilitou a resolução e problematização de questões de desigualdade social que tendem a ser reproduzido no espaço carcerário.

2.5 REMIÇÃO PELA LEITURA: LIVROS QUE LIVRAM

Como exposto no capítulo anterior, a remição pela leitura é uma recomendação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e sendo assim, não é uma obrigação. Cabe às casas penais a decisão e responsabilidade para sua implementação. A remição pela leitura na cidade de Santa Maria, foi implementada no primeiro semestre de 2019, nas duas casas prisionais existentes na cidade: Presídio Regional de Santa Maria e Penitenciária Estadual de Santa Maria (PESM).

Para a condução das atividades, foi realizada uma parceria do Presídio/ Penitenciária, com a Universidade Federal de Santa Maria. Um grupo de professoras e estudantes se dispuseram a ser monitoras voluntárias, vinculando o remição pela leitura ao Projeto de Extensão “Cidade Desencarcerada”, do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Poder,

Controle e Dano Social, que já estava sendo desenvolvido por professoras e estudantes do Direito, Comunicação Social e Ciências Sociais da universidade.

Sendo assim, a remição em Santa Maria se tornou uma parceria das casas penais, com a universidade federal, contando com a participação de docentes dos cursos de Direito e Pedagogia da UFSM, além de estudantes voluntários (as) dos cursos de Direito e Jornalismo responsáveis por desenvolver as atividades com os e as detentas. A partir desta parceria com a extensão da universidade, o remição pela leitura começou a ser chamado de “projeto”.

Os e as integrantes do grupo escolheram um nome para que não fosse apenas o genérico “remição pela leitura”, visto que existe o mesmo em muitas outras casas penais do Brasil. Sendo assim, foi escolhido o nome “Livros que Livram” para o mesmo.

Como metodologia de trabalho, as professoras e estudantes apresentam as obras para as detentas e os detentos, e após um tempo estipulado para a leitura (de 21 um dias a um mês) retornam ao presídio para realizar o debate sobre a leitura e acompanhar a escrita de resenhas sobre o tema. Atualmente o projeto conta com 23 carcerários (as), sendo 8 mulheres e 15 homens, divididos em grupos de 5 e 8 pessoas (grupo das mulheres). Quando há desistência de algum participante, novas pessoas são selecionadas para participar.

O projeto tem o intuito de desenvolver o hábito de leitura entre homens e mulheres em cárcere. A participação no projeto, além de trazer benefícios a longo prazo para os carcerários (as), também possibilita benefícios a curto prazo, visto que a cada leitura de um livro, uma resenha é feita e após a análise e avaliação desse material, os encarcerados (as) podem vir a adquirir quatro dias de remição da pena. Quem realiza as correções das resenhas são as professoras e estudantes, enquanto que juiz julga os pedidos de remição. Se realizadas 12 leituras durante o ano, serão 48 dias de remição contabilizadas.

A escolha dos livros é feita pelo grupo de professores e estudantes, juntamente com a equipe técnica de assistentes sociais e psicólogas do presídio. No início do projeto, os livros escolhidos foram entregues aos carcerários (as) através de cópias, mas devido a falta de recursos, algumas adaptações foram sendo necessárias. Desta forma, passou-se a trabalhar com livros que foram doados aos presídios, que já possuíam mais de um exemplar, como livros jovens adultos do John Green. Alguns dos livros trabalhados até o momento foram: Quarto de Despejo - Maria Carolina de Jesus, Capão Pecado - Ferrez, O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-Exupéry, A Culpa é das Estrelas - John Green, Monte cinco - Paulo Coelho, Assassinato no Expresso do Oriente - Agatha Christie, Literatura, pão e poesia - Sérgio Vaz,

Olhos d'Água - Conceição Evaristo e Cabeça de porco - do MV Bill, Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares.

Os carcerários (as) também podem trazer sugestões de leituras para o projeto, que dentro das possibilidades são atendidas. Obras já sugeridas pelos detentos (a) foram livros do Paulo Coelho e Agatha Christie, os quais foram trabalhados posteriormente.

Uma das autoras deste TCC (Luciana) está participando do Projeto no Presídio Regional de Santa Maria, com um grupo de 8 mulheres carcerárias, desde o início das atividades em 2019. O grupo iniciou com 5 mulheres, e posteriormente mais 3 solicitaram a entrada no projeto. Até o momento, nenhuma das participantes abandonou as atividades.

Ao contrário das mulheres, o grupo de homens do Presídio Regional de Santa Maria já foi reformulado mais 3 vezes, visto que os integrantes participaram de alguns encontros e depois abandonam o projeto, pela dificuldade encontrada em realizar as leituras.

Em contrapartida, o grupo de mulheres é bastante participativo nas atividades, traz muitos comentários sobre as obras, as dificuldades que encontram na leitura, além de fazer comparações dos livros com seu dia-a-dia, relacionando com suas vidas pessoais. Todas elas sempre agradecem muito por estarem participando do projeto, pois relatam que qualquer dia a menos dentro do presídio é uma vitória.

O livro que elas mais gostaram até o momento foi Quarto de Despejo da Maria Carolina de Jesus. Acharam a obra bastante acessível pela escrita, além de trazer questões muito comuns da vida de mulheres brasileiras negras e pobres. Foi visível a identificação delas com a história da Carolina, que definiram como uma mulher guerreira, que criou os filhos sozinhas apesar de toda miséria e dificuldade.

A média de escolaridade das participantes é ensino fundamental ou ensino fundamental incompleto, somente uma possui o ensino médio completo. A maioria delas nunca havia realizado uma leitura literária, demonstrando bastante preocupação no início das atividades. Mas durante o desenvolver do projeto, apesar das dificuldades de leitura, todas tiveram retornos muito positivos. Uma das integrantes, que sempre comentava que nunca havia lido e não gostava da prática, depois de 3 livros lidos comentou no grupo “até que eu tô gostando desse negócio de ler”.

Apesar dos retornos positivos do projeto até o momento, a sua continuidade se vê ameaçada, devido a dificuldade financeira para a realização de cópias de novos livros para o

próximo ano. Para que este projeto não morra, nos propusemos a realizar este TCC como projeto experimental.

A comunicação tem um poder muito grande de dar visibilidade a determinadas pautas, trazer a tona assuntos para o debate, contribuir para a ascensão ou decadência de determinadas temáticas. Acreditamos que através deste projeto experimental, possamos contribuir para a visibilidade deste projeto, para que a população de Santa Maria conheça o que está sendo desenvolvido, e assim, contribua doando livros para a sua continuação.

Sabemos que a educação pode transformar vidas, e que através da leitura, podemos contribuir de maneira muito mais efetiva para a ressocialização destas pessoas na sociedade. A educação é um direito humano e pessoas em cárcere, assim como os demais, merecem ter seus direitos garantidos.

Através deste projeto experimental, buscamos contribuir com doações de livros para o projeto, para que este continue desenvolvendo suas atividades em 2020 e nos demais anos e que possa expandir sua atuação, podendo atender um número cada vez maior de carcerários e carcerárias.

3 PLANO DE COMUNICAÇÃO

3.1.1 O produto

A campanha de comunicação surge como proposta para resolver uma demanda existente no Projeto Livros que livram, que encontra-se em fase de testes e descobertas para que num futuro próximo possa ser analisado os resultados das ações e o impacto causados.

Para dar continuidade ao Livros que Livram é necessário que existam livros disponíveis para trabalhar com os (as) carcerários (as) e como este projeto não recebe nenhum recurso financeiro até então, é preciso contar unicamente com a colaboração de pessoas que estejam dispostas a ajudar a causa.

A campanha comunicacional nasce como uma maneira de divulgar este projeto, o qual pode transformar ainda mais vidas através da leitura, buscando novos colaboradores, e como solução para a falta de livros, por meio de estratégias e planos de ações, potencializar as doações de livros que podem ser abordados no projeto.

3.1.2 Análise situacional

Este projeto está inserido em um contexto interno e externo, que deve ser levado em consideração para o planejamento das ações. Conforme Públio (2008, p. 45):

Toda empresa, seja ela com fins comerciais ou não, está inserida numa determinada sociedade, e estabelece com ela uma relação. Por causa dessa interação, ao mesmo tempo em que a empresa deve estar preparada para se adaptar, o meio também a influência. Com isso a empresa deve estar preparada para se adaptar a qualquer mudança do ambiente.

Para o autor é importante conhecer o espaço em que a empresa (projeto) atua para saber como lidar com ele, e antever possíveis imprevistos. Sendo assim, será possível reagir positivamente às variáveis que podem ocorrer tanto no microambiente, como no macroambiente. Apontamos o ambiente interno e externo que este projeto está inserido:

3.1.2.1 Macroambiente

O contexto atual em que vivemos no Brasil de 2019 é marcado por um governo de extrema direita, eleito em outubro de 2018, com 57,7 milhões de votos. Com as eleições deste candidato, o conservadorismo no Brasil tem ganhado forças novamente. Segundo pesquisa realizada pelo IBOPE e divulgada no jornal da Folha, “a proporção da população com alto grau de conservadorismo cresceu de 49% em 2010 para 54% em 2016 e chegou a 55% em 2018.

Na pesquisa, foram feitas cinco perguntas nas quais as pessoas precisavam responder se concordavam ou não. As perguntas eram sobre casamento de pessoas do mesmo sexo, legalização do aborto, redução da maioria penal, prisão perpétua para crimes hediondos e adoção da pena de morte. Segundo a Folha:

Os brasileiros contrários à legalização do aborto eram 78% em 2016 e são 80% em 2018. Os favoráveis à pena de morte continuam no mesmo patamar: eram 49% e são 50%. O mesmo ocorreu com os que defendem a prisão perpétua para crimes hediondos (oscilaram de 78% para 77%). Houve pequeno refluxo do apoio à redução da maioria penal (de 78% para 73%), mas cresceu a rejeição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo (de 44% para 50%). (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

Esse conservadorismo presente na população brasileira, que tem ganhado ainda mais força nos últimos anos, não é de agora. No entanto, a eleição do atual presidente, de extrema direita e com um discurso conservador, parece ter dado poder de voz aqueles que não se sentiam representados. Segundo Ronaldo de Almeida (2019, p.210) “Bolsonaro representa uma parcela significativa da população, que pensa em voz baixa o que ele diz em alto e bom tom.”

Durante sua campanha eleitoral, Bolsonaro já era conhecido pelo seu discurso machista, homofóbico, racista, xenófobo e totalmente contrário às minorias sociais. Para o presidente eleito “as minorias têm que se curvar às majorias”, elas que “se adequem ou simplesmente desapareçam. (ALMEIDA, 2019, p.10).

É nesse contexto de repúdio a questões sociais, vistos por uma parcela da população como “pautas esquerdistas” que nos encontramos atualmente. Segundo Ronaldo de Almeida (2019, p.211):

Mais que isso, ascensão da extrema direita no Brasil representa a tentativa de submissão dos espaços da vida cotidiana – que ainda permanecem sob nosso controle – ao domínio totalitário (e militar); o aprofundamento da hierarquização e da marginalização dos grupos (classe, raça, gênero), o que tende a potencializar a

inferiorização de mulheres, negros, LGBTQ, indígenas, sem-terra, sem-teto e outras minorias [...]

Além do mais, a população brasileira possui uma posição bastante revoltosa quando o assunto envolve o cárcere. Como exposto no capítulo 2.3 - Representações sociais da população encarcerada, 50% dos brasileiros concordam com a frase de que “bandido bom é bandido morto”, segundo pesquisa publicada em 2015 pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

É possível perceber que o ambiente externo que este Projeto está inserido, é bastante negativo quanto a temática do cárcere, visto o alto conservadorismo que tem ganhado força entre a população, principalmente neste ano. O ambiente político-social brasileiro certamente contribui para dificultar o alcance dos objetivos propostos neste trabalho.

3.1.2.2 Microambiente

O microambiente no qual este Projeto está inserido é o cárcere. Ambiente este muito complexo e degradante, como foi exposto no referencial teórico deste trabalho. Cabe ressaltar que, de acordo com o Banco de Monitoramento de Prisões (2019), do Conselho Nacional de Justiça, CNJ, o Brasil possui pelo menos 812.564 presos. Nas casas prisionais que o Projeto está atuando, são 950 presos na Penitenciária Estadual de Santa Maria e 227 presos (as) no Presídio Regional de Santa Maria, segundo o site da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), que traz dados de novembro de 2019.

Esse ambiente, é marcado por grande violação dos direitos humanos, situações degradantes, como a superlotação e a falta de atendimentos médicos, que acaba contribuindo para a proliferação de doenças dentro dos presídios. Essas condições básicas para dignidade da pessoa humana, devem ser asseguradas pelo Estado, como aponta Nicaela e Isaac (2014, p. 572) “o sistema prisional tem o dever de garantir ao infrator condições que assegurem a dignidade da pessoa humana, sendo este, um princípio constitucional que preside os demais direitos e garantias fundamentais”.

3.1.3 Análise SWOT

Ao analisarmos o micro e macroambiente no qual o projeto está inserido, destacamos as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que esses espaços - interno e externo - podem contribuir, ou não, para a efetividade do Plano de Comunicação, através da realização da Análise SWOT, servindo como uma ferramenta do planejamento.

Conforme Marcelo Públio (2008, p.112) a “A análise SWOT estuda a competitividade de uma organização segundo quatro variáveis que dão origem ao seu nome: forças (Strengths), fraquezas (Weakness) oportunidades (Opportunities) e ameaças (Threats).” Para Públio, é através da SWOT que podemos perceber a situação atual da empresa (neste caso Projeto) e as suas potencialidades:

Os dois primeiros itens - forças e fraquezas - estão relacionados à análise de recursos internos da empresa comparados principalmente a seu microambiente, enquanto que os dois últimos itens - ameaças e oportunidades - estão relacionados ao meio no qual a empresa está inserida. (PÚBLIO, 2008, p.112)

Sendo assim, as forças e fraquezas, que estão relacionadas a fatores internos, são aspectos controláveis, que são fáceis de serem modificados. Enquanto isso, as ameaças e oportunidades dizem respeito a fatores externos, ao macroambiente que a empresa/projeto faz parte, e desta forma, se torna muito mais difícil de ser controlado e modificado.

Públio (2008, p.113) destaca que a Análise SWOT é usada para identificar ameaças antes que elas ocorram, evitando apenas resolver os problemas depois que eles já aconteceram. Ele aponta a SWOT é importante pois “além de investigar aspectos internos a empresa [...] também investiga a situação do mercado no qual a empresa se encontra destacando as principais oportunidades e também as principais ameaças.” (PÚBLIO, 2008, p.113).

Trazemos agora a análise SWOT do projeto Livros que Livram, apontando as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que foram observadas até o momento:

Interno (controláveis)

- **Forças**

O Projeto apresenta como força ser interdisciplinar, reunindo esforços dos campos do Direito, da Comunicação Social, da Pedagogia e das Ciências Sociais. Isso se torna bastante importante para o avanço do projeto, pois unir pessoas de diferentes áreas do conhecimento permite que as reflexões e as ações sejam muito mais eficazes, de modo que cada integrante possa contribuir naquilo que possui mais propriedade e estudo, trazendo diferentes pontos de vista sob o mesmo problema. A coletividade certamente é um diferencial para o desenvolvimento de projetos sociais, pois quanto mais pessoas dispostas a colaborar com o andamento do projeto, mais potencialidade ele tem para atingir os resultados almejados.

Outra força diz respeito a ser um projeto de extensão registrado no Gabinete de Projetos da Universidade Federal de Santa Maria. Esse ponto, se encaixa tanto como uma força quanto como uma fraqueza. É uma força no sentido de estar aliado a uma instituição de ensino de grande porte como a UFSM, que possui ótima posição nos rankings brasileiros de ensino, estando entre as 100 melhores universidades da América Latina (2019). Sendo um projeto de extensão vinculado a esta universidade, tem a possibilidade de concorrer a editais de recursos para extensão, e passar a receber financiamento do governo federal. Entretanto, essa é uma realidade pouco provável no momento que nos encontramos, visto que no atual governo muitas verbas para projetos universitários já foram cortadas.

Este vínculo com a extensão da universidade também tem outros fatores positivos, como a integração entre comunidade acadêmica e demandas populares. Na política de extensão da UFSM, a primeira diretriz aponta: “interação dialógica entre universidade e sociedade, caracterizada pelo intercâmbio de experiências entre Universidade e demais setores da sociedade”. Essa troca de experiência entre as universidades e a sociedade é de extrema importância, pois o conhecimento produzido nas universidades só possui real significado se de alguma maneira contribui para melhorar a sociedade em que vivemos, trazendo um retorno pelo investimento em educação através das taxas de impostos. Porém, isso não é no sentido de que as universidades são detentoras de todo o conhecimento e precisam levá-lo a sociedade que não o possui, mas no sentido de uma troca mútua. Universidade crescendo com a sociedade e sociedade crescendo com a universidade.

Esse projeto tem esta força de trazer impactos reais a sociedade, pois não se limita aos muros da universidade. É capaz de contribuir positivamente para uma parcela da população que é extremamente invisibilizada e que precisa urgentemente de mais projetos de educação como esse.

Sendo assim, pode-se dizer que o projeto busca maneiras de promover os direitos humanos, através de atividades educacionais. Os retornos, são tanto para os participantes, carcerários (as) que podem reduzir seus dias de pena, quanto para os voluntários do projeto, que têm a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre essa parcela da população que pouco se tem conhecimento. Torna-se assim, estudantes e docentes mais sensíveis e humanos, preocupados com as causas sociais e os direitos humanos e que certamente após o período da universidade seguirão atentos às pautas sociais, a fim de promover uma sociedade mais igualitária e justa.

Como estudantes de uma universidade federal, acreditamos que todo investimento de dinheiro público que é destinado para nossa formação, precisa reverter para a sociedade de alguma forma. Precisamos ser estudantes mais ativos e engajados com a população, como uma retribuição de todo conhecimento que nos foi transmitido nos anos de graduação.

Além disso, de forma secundária o Projeto tem um reflexo na própria sociedade, tendo em vista o seu objetivo de ressocialização de carcerários (as). Indiretamente, também pode trazer transformações na população envolvida com os (as) presos (as), desde os agentes que convivem com esta população, até em suas próprias famílias.

- **Fraquezas**

O projeto é bastante recente, tendo seu início em 2019/01. Sendo assim, não há até o momento resultados palpáveis sobre a sua eficácia. Há somente alguns indicadores, que foram expostos no capítulo 2.5, em que apresentamos o projeto. Os indicadores são bastante positivos no que envolve as mulheres carcerárias participantes, e um pouco negativos quanto a participação masculina. No entanto, são “resultados” bastante incompletos, de um projeto muito recente, no qual ainda não podemos trazer maiores análises.

A falta de recursos financeiros é sem dúvida a maior dificuldade até então, visto que para dar continuidade ao projeto é necessário que se tenha uma quantidade mínima de livros que possam ser trabalhados com as carcerárias e carcerários. Sendo que esses livros podem

ser adquiridos por meio de capital ou doações, além de outros gastos relacionados ao projeto com o objetivo de divulgá-lo.

Tendo em vista esse início recente, o projeto não conta ainda com formas de divulgação, sejam elas presenciais, como banners, cartazes ou algo relacionado, em pontos importantes da universidade e da cidade, como também não possui plataformas de divulgação online, como redes sociais.

Outra fraqueza observada até o momento, é a falta de comunicação e organização das participantes do projeto. Talvez a multidisciplinaridade de áreas do conhecimento possa ser um dos motivos da falta de comunicação. As integrantes da mesma área se comunicam mais entre si do que com o projeto no todo.

A falta de comunicação acaba sendo uma das grandes fraquezas deste projeto. Nesse sentido, nota-se que pouco se comunica sobre o projeto para a sociedade, como também, a comunicação entre o próprio grupo parece ainda bastante inicial.

Com base nisso, observamos a importância e necessidade de realizarmos uma campanha de comunicação, que pudesse eliminar, ou ao menos reduzir esta fraqueza diagnosticada. Potencializar a comunicação entre o grupo, mas principalmente do que é produzido no grupo para o resto da sociedade é de extrema relevância, para o Projeto possa ser conhecido, e assim receber apoios externos.

É por meio da comunicação que é possível transmitir uma informação, mensagem ou conteúdo, e de receber também, criando um diálogo.

Externo (incontroláveis)

- **Oportunidades**

Tendo em vista o contexto do macroambiente que citamos, são poucas as oportunidades que existem para projetos com essa temática no Brasil. A única oportunidade que podemos citar é o crescimento de filmes e séries que trazem a temática do cárcere, como por exemplo as séries *Orange is the new black* e *Vis a Vis*. No entanto, cabe ressaltar que não sabemos se a representação que elas trazem sobre o cárcere pode ser considerada positiva, pois isso poderia ser objeto de uma nova pesquisa. Mas consideramos como uma

oportunidade audiovisuais que tragam esta temática, porque ao menos estão trazendo o assunto para o debate da população.

- **Ameaças**

Como apresentado nos capítulos do referencial teórico, há um grande preconceito social quanto a temática do cárcere, enquanto que os carcerários (as) passam por um processo de estigma social muito forte. Essa é uma grande ameaça para a campanha, pois nenhum projeto de comunicação é capaz de desfazer rapidamente com uma ideia cultural enraizada na população. Esse é um trabalho que exige muito tempo e esforço, de diferentes setores da sociedade, e que desta maneira, é um fator incontável de nossa campanha. O preconceito é existente e é visível e cabe a nós encontrarmos maneiras de tentar minimamente reduzi-lo com nosso plano de comunicação.

A invisibilidade da população carcerária também é uma ameaça. Invisibilidade no sentido de ser uma população que apesar de ter crescido muito nos últimos anos, continua à margem do debate, invisível para a maior parte da sociedade e também invisível quanto a direitos humanos básicos.

Um ponto que apontamos como força, mas que também pode se tornar uma ameaça, é o Projeto estar vinculado à UFSM. Isso ocorre pelo preconceito da sociedade mais conservadora, que já alia a universidade federal como “esquerdistas” e que “defende bandido ao invés do cidadão de bem”. Dessa forma, essa parceria com a extensão da UFSM pode reforçar este estereótipo já existente entre a população. No entanto, cabe ressaltar, que os mais conservadores terão uma ideia preconceituosa quanto ao projeto sendo ele vinculado à UFSM ou não.

Os discursos radicais e conservadores têm ganhado força nos últimos anos, principalmente durante e após a eleição do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. A eleição deste candidato deu respaldo para que discursos que antes estavam mais silenciados, tivessem voz. Isso não significa que as pessoas não fossem conservadoras antes do atual presidente, mas sim que ele acabou potencializando e dando força a essas pessoas que se identificam com seus posicionamentos.

Uma ameaça também é a necessidade de contrapartida do público para que a campanha comunicacional tenha resultados. Cabe ao nosso público decidir se acha que essa

campanha merece sua atenção, se quer ou não contribuir, seja com dinheiro, doação de livros, ou ajudando na divulgação. Visto o grande preconceito com a temática a qual nossa campanha se refere, essa se torna uma grande ameaça para o seu sucesso.

Também há a insegurança quanto a continuidade do projeto. Por se tratar de um projeto bastante recente, isso contribui para que ainda não tenha uma base sólida. A qualquer momento, pode chegar ao fim. Os motivos mais prováveis para que isso aconteça é a falta de recursos para sua manutenção.

Outra ameaça a campanha é o baixo consumo de livros pelos brasileiros (as). Segundo pesquisa Retratos da Leitura no Brasil desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro e divulgada pelo G1, o (a) brasileiro (a) lê em média 2,43 livros por ano, segundo dados de 2016. Essa é uma média muito baixa, comparada a países em que a média de leitura da população chega a 20 livros por ano. Não cabe aqui julgar os motivos do baixo índice de leitura dos (as) brasileiros (as), no entanto, pode ser uma ameaça no sentido de que a leitura no Brasil não parece ter assim tanta importância.

Dessa forma, projetos que envolvam leitura podem não chamar tanto o interesse da população, que ainda não conhece tanto sobre o poder de transformação da leitura. Esse afastamento do brasileiro à leitura, acaba sendo uma dificuldade, pois quem não lê, não possui livros, e conseqüentemente, não pode doá-los.

Outro fator de ameaça a campanha, é o alto índice de projetos sociais em Santa Maria. Como exposto no item “concorrentes”, Santa Maria conta com bastante projetos sociais, principalmente de apoio a crianças, idosos e pessoas que estão enfrentando alguma doença. Em trabalho realizado na cadeira de estágio I, contabilizamos 30 projetos sociais em Santa Maria, mas esse número seguramente é muito maior, pois há muitos que não possuem meios de divulgação e a pesquisa se deu através de busca online.

No entanto, apesar da “concorrência” ser uma ameaça, ressaltamos novamente, que esta não é um problemática para nós, visto que apoiamos todo tipo de trabalho social, que possa trazer melhorias à vida da população Santa Mariense.

Alguns projetos sociais ativos em Santa Maria:

- Saúde
- Abrigo Assistencial Leon Denis;

- Associação dos amigos do Hospital Universitário de Santa Maria;
- Casa Vida Amparo Assistencial a pessoas em tratamento de saúde.

- Tratamento de câncer
 - Associação de Apoio a Pessoas com Câncer - AAPECAN;
 - Casa Maria;
 - Centro de Apoio à Criança com Câncer - CACC;
 - Turma do Ique.

- Crianças e adolescentes
 - Aldeias Infantis SOS de Santa Maria;
 - Associação Servos da Caridade - Pão dos Pobres Santo Antônio;
 - Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Santa Maria - CEDEDICA;
 - Centro de Desenvolvimento Comunitário Estação dos Ventos;
 - Centro Social e Cultural Vicente Pallotti;
 - Lar de Miriam e Mãe Celita;
 - ONG Infância Ação;
 - Projetos Nações em Ação;
 - Sociedade Espírita Estudo e Caridade Lar de Joaquina;
 - Sociedade Espírita Luz do Caminho - Casa de amparo à criança Dr. Fernando do Ó.

- Pessoas com deficiência
 - Associação Colibri;
 - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE;
 - Associação dos Cegos e Deficientes Visuais - ACDV;
 - Associação Santa Mariense Paradesportiva - Assampar;
 - Associação de Surdos de Santa Maria;
 - Escola Antônio Francisco Lisboa.

- Adultos e famílias em situação de vulnerabilidade social
 - Associação Espírita Francisco Spinelli;

- Centro Social Madre Franciscana Lechner (Sociedade assistencial e educativa Mãe Admirável - SAEMA);
- Instituto pedagógico Social Tabor - mantenedora do Centro de referência familiar Recanto do Sol (Cefasol).

- Idosos

- Abrigo Espírita Oscar José Pithan;
- Asilo Vila Atagiba;
- Associação Amparo Providência Lar das Vovozinhas.

- Outros

- Caras do Bem.

Quadro 1 - Forças, fraquezas, oportunidades e ameaças

INTERNO (controláveis)	EXTERNO (incontroláveis)
<p>Forças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Busca maneiras de promover os direitos humanos, através de atividades educacionais que auxiliam inclusive na remissão de pena - Possibilitar a redução de pena para um número de carcerários (as) - Projeto interdisciplinar, que reúne esforços dos campos do direito, da comunicação social e da pedagogia - Fomenta a integração entre comunidade acadêmica e demandas populares - Tornar estudantes universitários mais humanos e sensíveis a pautas sociais - Ser um projeto de extensão registrado no Gabinete de Projetos da UFSM 	<p>Oportunidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Crescimento de filmes e séries que trazem a temática do cárcere (ex: Orange Is The New Black e Vis a Vis).

<p>Fraquezas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falta de comunicação entre os participantes do projeto - Não possuir mídias sociais do projeto - Ser um projeto recente (2019/01) e desta forma, não apresentar muitos resultados concretos até o momento 	<p>Ameaças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Preconceito social pela temática do projeto - Necessidade de contrapartida do público para que a campanha tenha resultados - Invisibilidade da minoria que nos últimos anos tem aumentado - Discursos radicais e conservadores que estão ganhando força principalmente após a última eleição - Reprovação da continuidade do projeto - Baixo consumo de leitura pelos brasileiros (as) - estimativa de 2 livros por habitante ao ano - e conseqüentemente, pouca valorização a projetos que envolvam leitura - Grande número de projetos sociais em Santa Maria
--	--

Fonte: as autoras.

3.1.4 Problema

O problema encontrado está na falta de recursos para manter o projeto e o preconceito social em torno da população carcerária.

3.1.5 Objetivo de comunicação

O objetivo de comunicação é a criação de uma campanha comunicacional que apresente o projeto e mostre a sua importância/relevância, evidenciando a necessidade de apoiá-lo por meio de doações de livros.

3.1.6 Público alvo

O público alvo da campanha é bastante amplo, visto que se trata de um projeto social que pode ser consumido por públicos muito distintos. No entanto, o público com maior potencial para contribuir com a campanha são pessoas menos conservadoras, mais abertas ao diálogo e mais conscientes de pautas relacionadas aos direitos humanos. Porém, como um dos objetivos desta campanha é atingir pessoas que têm preconceito ou aversão quanto a temática do cárcere, ou que simplesmente não possuem conhecimentos relativos ao mesmo, essas acabam compondo parte secundária do público alvo.

Visto a necessidade do projeto em arrecadar doações para a sua continuidade, o público a par dos direitos humanos é nosso público primário, pois é mais fácil atingir quem já tem predisposição a temática. Neste caso, mudar hábitos e preconceitos, será mantido como secundário nesta campanha.

Pensar nas características de um público alvo consciente dos direitos humanos é bastante complexo, pois pode incluir diferentes faixas etárias, graus de escolaridade e rendas. Possuir um nível maior de escolaridade, por exemplo, não isenta uma pessoa de ser conservadora. No entanto, iremos hipoteticamente delimitar nosso público primário como leitores, na faixa etária dos 20 a 40 anos, que residem em Santa Maria, que não se identificam com a extrema direita e são sensíveis às causas sociais, tal como o cárcere e o estigma construído sobre o que é ser bandido. Pensando que essa faixa etária pode possuir maiores condições de adquirir livros para compra e doação, visto que fazem parte da população economicamente ativa do Brasil.

Além do mais, o perfil leitor deve fazer parte desta campanha, pois são pessoas nas quais a compra de livros faz parte de seus hábitos, e desta forma, possuindo livros, possuem condições para realizar doações. Estando estes, mais conscientes em relação a importância da leitura, na sua capacidade de contribuir para mudar realidades e transformar a vida de tantos indivíduos.

3.1.7 Concorrentes diretos e/ou indiretos

O projeto não possui concorrentes diretos, visto que é originário de uma portaria, e tem caráter social. No entanto, indiretamente tem como concorrentes outros projetos sociais que são realizados na cidade de Santa Maria.

Pelo preconceito da sociedade com a temática do cárcere, outros projetos sociais acabam tendo maior visibilidade e potencial de receber recursos de doações, como entidades que prestam serviços a crianças, animais ou pessoas com câncer, sendo essas temáticas as quais a população geralmente se sensibiliza e tem interesse em ajudar.

A cidade de Santa Maria conta com um número bastante significativo de entidades e projetos sociais, nas quais muitos estudantes da UFSM participam voluntariamente. Sendo assim, indiretamente, acabam sendo concorrentes do projeto de Remição pela Leitura. Porém, cabe ressaltar, que não consideramos esta “concorrência” como um problema, muito pelo contrário, ficamos contentes que elas existam e contribuam para auxiliar pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade social.

3.1.8 Posicionamento

O posicionamento serve como diferenciação para as organizações em um mundo cada vez mais globalizado. Para Marcélia Lupetti (2009, p. 72) “Diferenciar é a capacidade que uma empresa tem de ser percebida, se comparada aos concorrentes, em função de suas vantagens competitivas”. Partindo desta colocação, pensamos de que maneira gostaríamos que este projeto seja visto/lembrado por possuir algo de diferente. Nosso posicionamento então fica definido como ser reconhecido como um projeto social em Santa Maria que desenvolve atividades socioeducativas por meio da leitura em espaços de privação de liberdade. Por assim acreditarmos no potencial que este projeto possui para transformar vidas através da leitura.

3.1.9 Conceito criativo

Para realizar o conceito criativo realizamos um *brainstorm* com palavras que nos remetiam ao projeto. Alguns exemplos foram: liberdade, leitura, livros, direitos humanos, educação, espaço, privação. Desse jogo de palavras, surgiram algumas frases:

1. Livros que livram: da privação à liberdade
2. Livros que livram: a liberdade através da remição pela leitura
3. Livros que livram: a leitura como instrumento de liberdade
4. Livros que livram: lendo a vida fora dos muros

Por fim, após uma longa análise, optamos pela última alternativa para compor o conceito criativo: **Livros que livram: lendo a vida fora dos muros**. Escolhemos esta, pois acreditamos que seja a que mais transmite a essência do propósito deste projeto, tão recente mas que tem o potencial de transformar vidas dentro do presídio e penitenciária da cidade de Santa Maria.

Lendo a vida fora dos muros, pode ser interpretado de dois pontos de vistas: ler o mundo no sentido de adquirir conhecimentos capazes de derrubar muros (destruir barreiras no sentido metafórico) e muros no sentido concreto, de somar dias de remição, que contribuirão para a saída dos muros do presídio.

3.2 Estratégias

3.2.1 Plano de ação

O plano de ação tem por objetivo executar o planejamento das estratégias. Entre as ações desenvolvidas estão: a criação da marca para o Projeto Livros que livram, de postagens com informações básicas e iniciais sobre o projeto para o *instagram*, a confecção de um banner sobre dicas de livros para doação e release. Como sugestão de ações, há as rodas de conversas e parcerias com livrarias, sebos e clubes de leitura.

3.3 MARCA

Analisamos a necessidade do Projeto possuir uma marca, que pudesse identificá-lo e representá-lo em qualquer espaço. Uma marca é:

um nome diferenciado e/ou símbolo (tal como um logotipo, marca registrada, ou desenho de embalagem) destinado a identificar os bens ou serviços de um vendedor ou de um grupo de vendedores e a diferenciar esses bens e serviços daqueles dos concorrentes. (AAKER apud NAVACINSK e TARSITANO, 2004, p.59)

Uma maneira de trazer um diferencial para o produto é por meio da marca, que desperte no público o interesse para consumir ou neste caso, contribuir com a proposta do Projeto. “A função publicitária da marca conduz seus criadores a imputarem nos nomes de produtos associações que possam despertar o desejo de posse dos mesmos pelos consumidores.” (NAVACINSK e TARSITANO, 2004, p.61)

Ao pensarmos a marca, propomos algo simples, mas que ao mesmo tempo trouxesse um significado visível e fácil de perceber, não sendo tão subjetivo. Não gostaríamos que a marca remetesse diretamente a ideia do cárcere, como grades, gaiolas, algemas, entre outros. Sendo assim, apostamos na figura de um livro, junto com um pássaro. As páginas do livro remetem às asas de um pássaro, prestes a lançar voo, seguido de pássaros já em voo, trazendo o conceito de liberdade.

A marca representa a ideia de liberdade, de grandes voos que podem ocorrer quando adentramos o mundo da leitura. A liberdade neste caso, possui um sentido metafórico, mas também concreto. É metafórico no sentido de que a leitura nos faz voar, conhecer outros mundos, outras culturas, abrir nossa mente para o desconhecido, desconstruir preconceitos e adquirir novos conhecimentos. Mas a liberdade é também algo concreto, visto que o Projeto Livros que Livram possibilita a remição de dias de pena para os encarcerados (a), o que os aproxima da liberdade que almejam, aquela que está fora das grades do presídio. Com base nisso, resultou a seguinte marca:

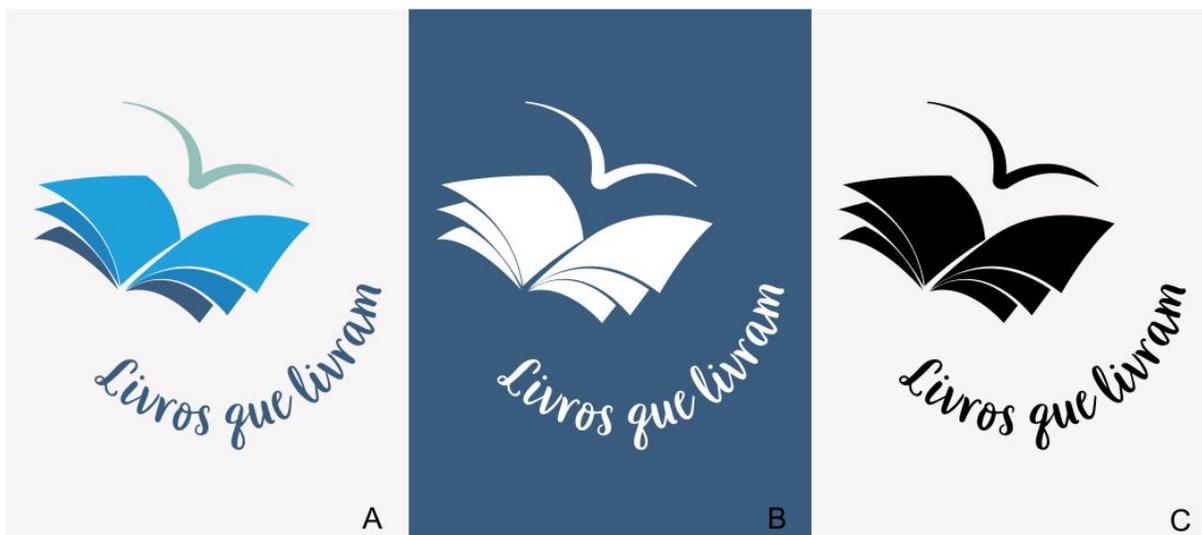
Figura 1 - Livros que livram - a marca



Fonte: as autoras.

Para a utilização da marca criamos algumas variações para ser utilizada em diversos fundos, colorido, monocromático ou acromático (branco). Dessa maneira, não limitando a sua utilização em materiais gráficos relacionados ao Projeto.

Figura 2- Variações da marca, colorida (A), branco (B) e preto (C)



Fonte: as autoras.

3.3.1 Cor

Para definição da paleta de cores a ser aplicada na marca, realizamos uma análise de cores no disco cromático com o objetivo de auxiliar a transmitir a nossa mensagem ao público. A cor é um fator muito importante na construção de uma marca, “é um comunicador poderoso porque apresenta diversos significados codificados, enquanto confere certo dinamismo ao design” (AMBROSE, HARRIS, 2012, p.118)

No livro “Psicodinâmica das cores” de Modesto Farina (2011) é apresentado alguns fatores psicológicos que incidem sobre o que pensamos em relação às cores. Os costumes sociais, por exemplo, alteram a percepção que possuímos sobre determinadas cores: “derivando de hábitos sociais estabelecidos durante longo espaço de tempo, fixam-se atitudes psicológicas que orientam inconscientemente inclinações individuais”. (FARINA, PEREZ, BASTOS, 2011, p.87).

Sendo assim, o significado que atribuímos a uma cor, pode variar de uma cultura para outra, de um local para outro. Gavin Ambrose e Paul Harris (2012, p.119) apontam alguns exemplos de como a mesma cor pode ser associada a diferentes significados dependendo da cultura em que está inserida. O azul, por exemplo, cor utilizada em nossa marca, é associada a imortalidade para os chineses, a proteção no Oriente Médio e para os colombianos, é associada a sabonetes.

Segundo Farina, Perez e Bastos (1982, p. 101) “o azul escuro indica sobriedade, sofisticação, inspiração, profundidade e está de acordo com a ideia de liberdade e acolhimento. Designa infinito, inteligência, recolhimento, paz, descanso, confiança, segurança; “.

Desta forma, escolhemos a cor azul pela relação com a liberdade, com o infinito, mensagem que, junto com o livros e os pássaros, gostaríamos de remeter. Optamos por não utilizar cores que remetem ao cárcere, como cinza, preto, marrom, pois não gostaríamos de associar as cores com a ideia do aprisionamento, justamente o contrário, queremos que as cores passem a ideia da liberdade a ser alcançada por meio da leitura, na qual o Projeto Livros que livram contribui.

A paleta selecionada encontra-se na figura 3 com seus códigos em modo RGB, CMYK e HEX.

Figura 3 - Paleta de cor utilizada para criação da marca

RGB 58 92 127 CMYK 94 74 38 2 HEX #3A5C7F	RGB 29 131 190 CMYK 86 42 4 0 HEX #1D83BE	RGB 31 161 219 CMYK 76 22 0 0 HEX #1FA1DB	RGB 148 192 188 CMYK 44 11 27 0 HEX #94C0BC	RGB 247 245 246 CMYK 2 2 1 0 HEX #F7F5F6
--	--	--	--	---

Fonte: as autoras.

3.3.2 Tipografia

Assim como a cor, a tipografia também possui um papel muito importante na construção do conceito de uma marca, podendo levar ao público sensações diferenciadas, conforme sua escolha. Para Ambrose e Harris (2012, p.55) “a tipografia pode produzir um efeito neutro, ou provocar paixões, simbolizar movimentos artísticos, políticos ou filosóficos ou exprimir a personalidade de uma pessoa ou organização.”

Ambrose e Harris apresentam uma classificação para os tipos de fontes existentes, a partir de suas características. São 4 categorias: “Romana (Roman), gótica/sem serifa (Gothic), cursiva (Script) e letras negras (Blackletter) Sanders and McCormick (apud Ambrose e Harris, 2012, p.62).

Em nossa marca escolhemos uma fonte cursiva, por se aproximar a escrita humana, e assim, lembrar a escrita das resenhas que são produzidas pelos (as) carcerários (as). Conforme Agatha Yamashiro (2016, s/p) as fontes cursivas ou manuscritas “passam maior sensação de humanização, tendo um papel importante em muitos projetos que carregam este conceito de aproximação do usuário/cliente.”

Figura 4 -Tipografia da marca: Garden Grown US B

A B C D E F G H I J K
L M N O P Q R S T U
V X W Y Z
a b c d e f g h i j k l m
n o p q r s t u v x w y z
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

Fonte: as autoras.

3.3.3 Referências

Buscamos referências em livros de Design e no *online* como Pinterest, Google e Behance, por meio de pesquisa de palavras-chave que reportassem a “livros e liberdade”. Seleccionamos pouco mais de 50 imagens para análise, dando sequência ao processo de inspiração, planejamento e por fim, criação. Algumas das imagens encontram-se aqui:

Figura 5 - Referência I

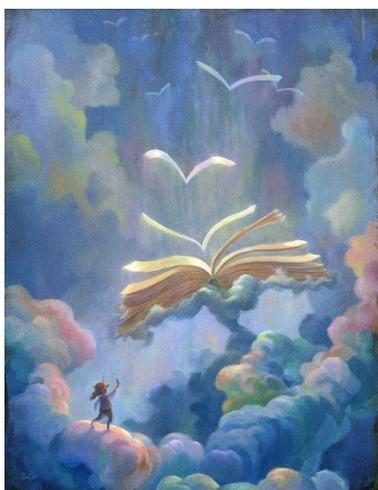


Figura 6 - Referência II



Figura 7 - Referência III



Figura 8- Referência IV



3.4 INSTAGRAM

Para contribuir com a visibilidade do projeto, nos propusemos em elaborar postagens para uma conta no Instagram, para que as pessoas tivessem conhecimento sobre o que é o projeto e formas de ajudar.

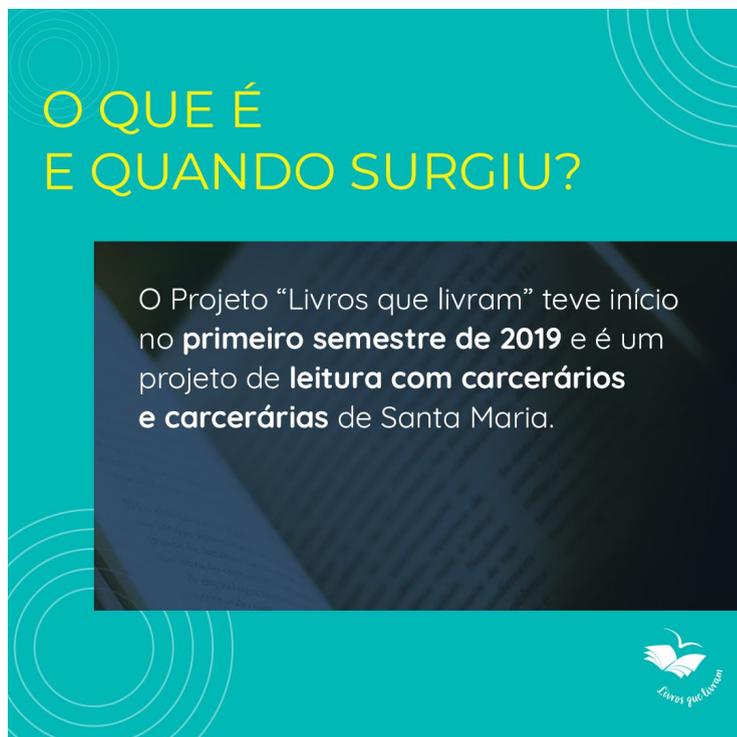
Desta forma, organizamos em postagens compostas de uma arte e pouco conteúdo escrito, para facilitar a compreensão e chamar a atenção do público. Propomos que as postagens sejam feitas em um período de 4 semanas, sendo 2 a 3 artes por semana. As postagens devem ser realizadas em dias diferentes, para testar o alcance, no horário das 18h. Se tiver surgindo alcance, mantém-se este horário, se não tenta-se outros.

3.4.1 Paleta de cores

As cores utilizadas foram a mesma da paleta de cores da marca, somente foi acrescentado amarelo para os títulos. As cores foram mantidas para manter uma unidade entre todas as peças realizadas. O amarelo foi usado para destacar, mantendo a harmonia com o restante da paleta.

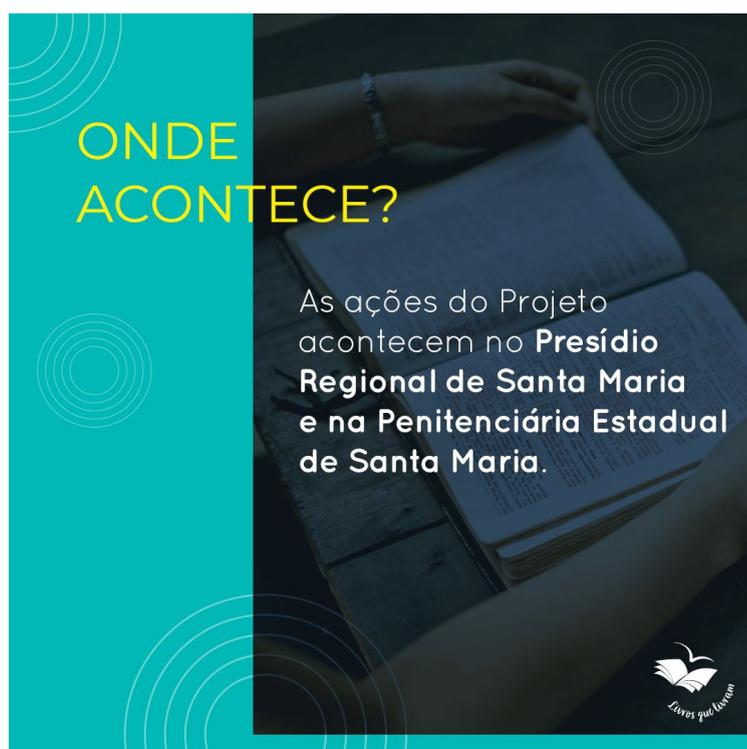
3.4.2 Postagens

Figura 9 - Conheça o projeto



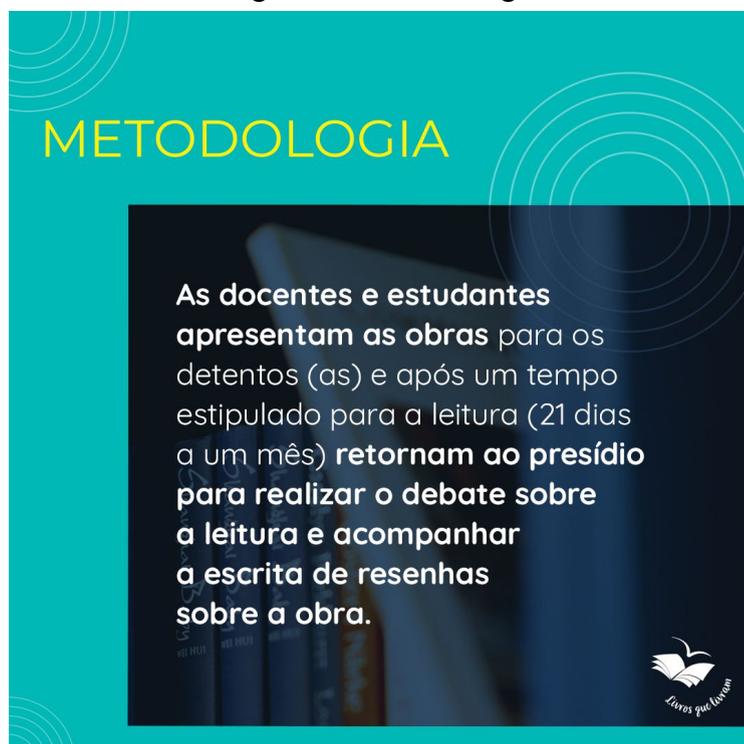
Fonte: as autoras.

Figura 10 - Onde acontece?



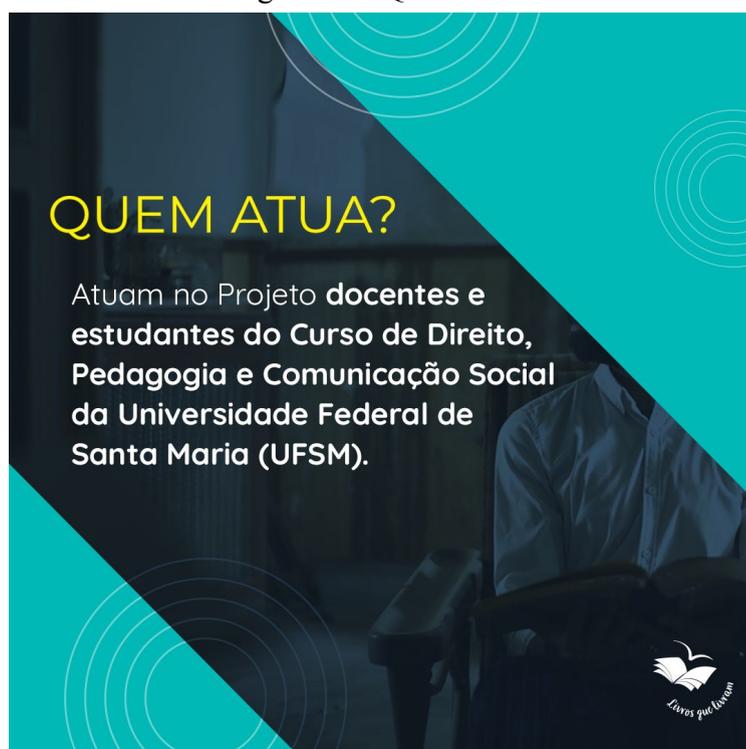
Fonte: as autoras.

Figura 11 - Metodologia



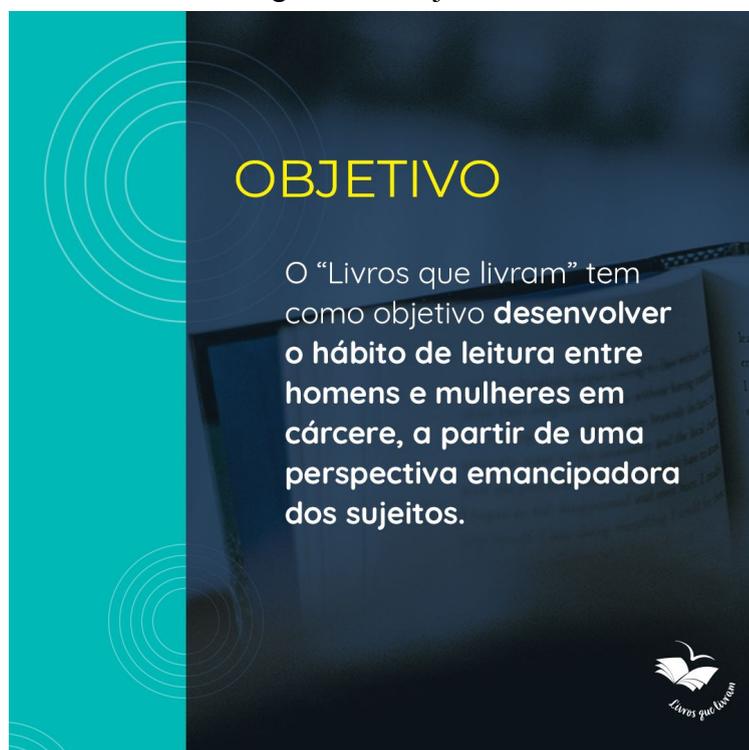
Fonte: as autoras.

Figura 12 - Quem atua?



Fonte: as autoras.

Figura 13 - Objetivos



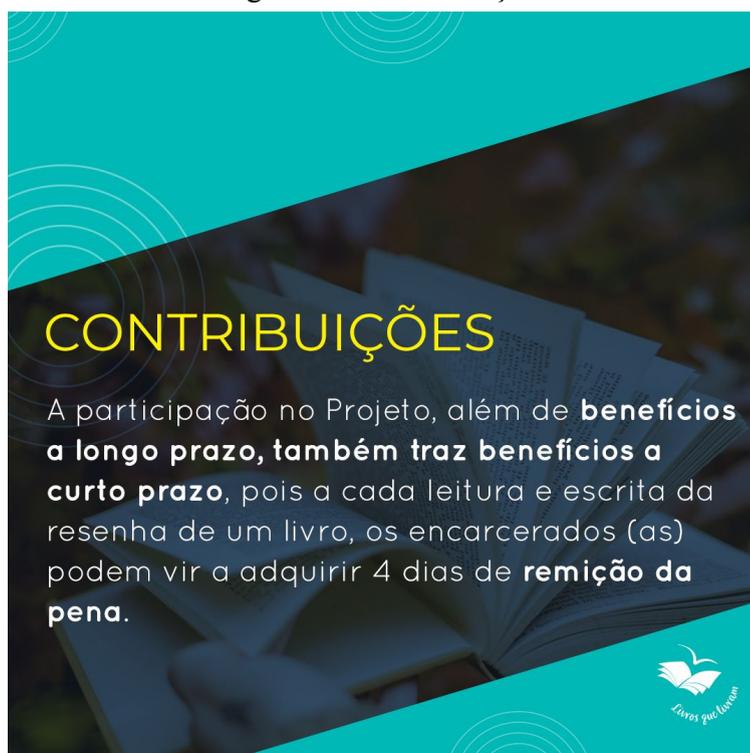
OBJETIVO

O “Livros que livram” tem como objetivo **desenvolver o hábito de leitura entre homens e mulheres em cárcere, a partir de uma perspectiva emancipadora dos sujeitos.**



Fonte: as autoras.

Figura 14 - Contribuições



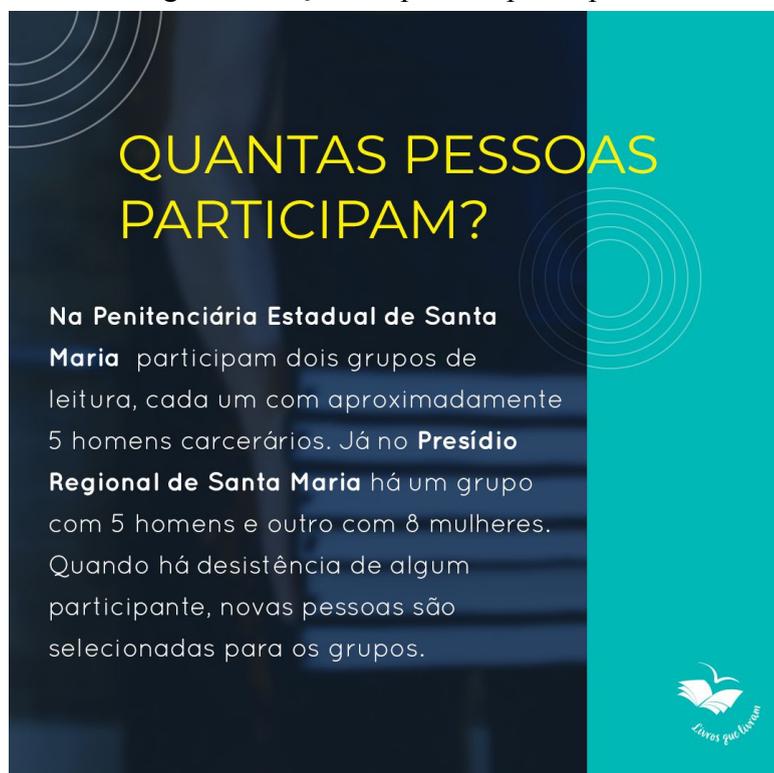
CONTRIBUIÇÕES

A participação no Projeto, além de **benefícios a longo prazo, também traz benefícios a curto prazo**, pois a cada leitura e escrita da resenha de um livro, os encarcerados (as) podem vir a adquirir 4 dias de **remissão da pena.**



Fonte: as autoras.

Figura 15 - Quantas pessoas participam?

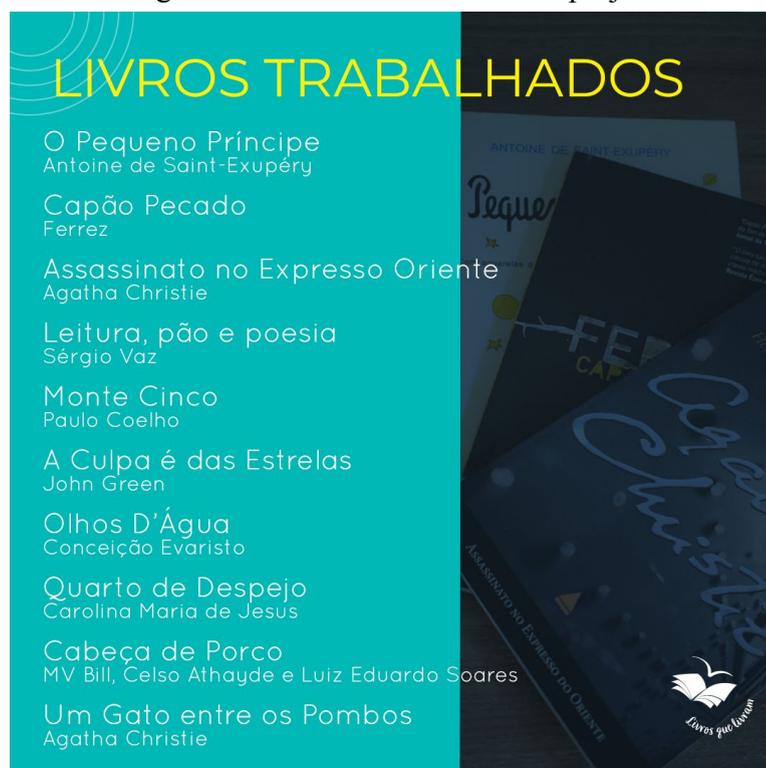


QUANTAS PESSOAS PARTICIPAM?

Na **Penitenciária Estadual de Santa Maria** participam dois grupos de leitura, cada um com aproximadamente 5 homens carcerários. Já no **Presídio Regional de Santa Maria** há um grupo com 5 homens e outro com 8 mulheres. Quando há desistência de algum participante, novas pessoas são selecionadas para os grupos.

Fonte: as autoras.

Figura 16 - Livros trabalhados no projeto

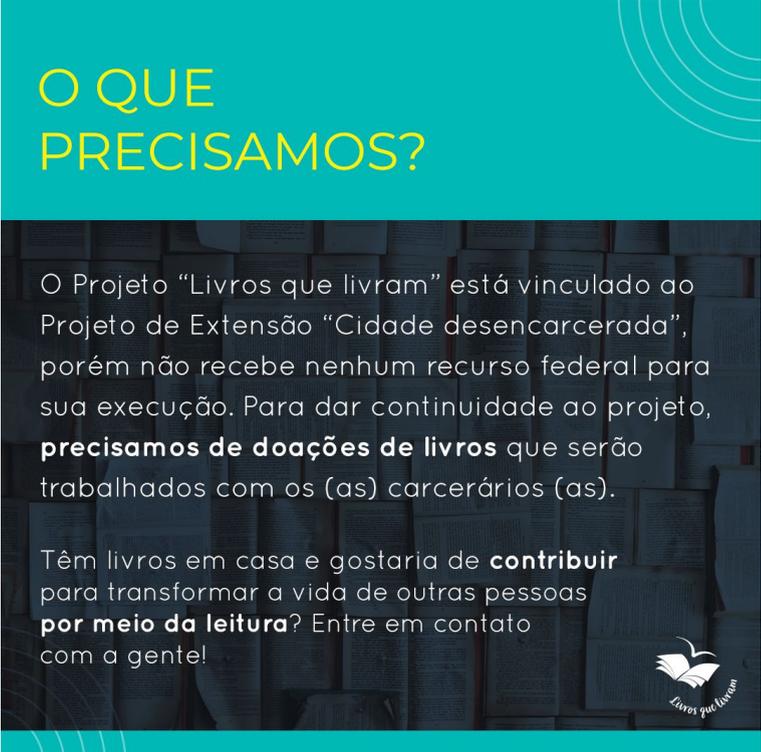


LIVROS TRABALHADOS

- O Pequeno Príncipe
Antoine de Saint-Exupéry
- Capão Pecado
Ferrez
- Assassinato no Expresso Oriente
Agatha Christie
- Leitura, pão e poesia
Sérgio Vaz
- Monte Cinco
Paulo Coelho
- A Culpa é das Estrelas
John Green
- Olhos D'Água
Conceição Evaristo
- Quarto de Despejo
Carolina Maria de Jesus
- Cabeça de Porco
MV Bill, Celso Athayde e Luiz Eduardo Soares
- Um Gato entre os Pombos
Agatha Christie

Fonte: as autoras.

Figura 17 - O que precisamos?



O QUE PRECISAMOS?

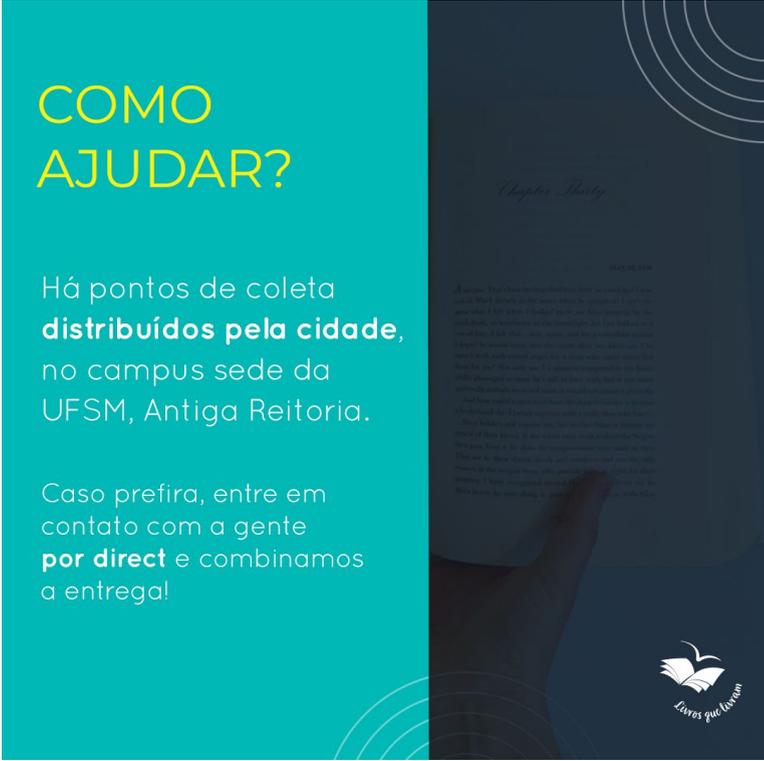
O Projeto “Livros que livram” está vinculado ao Projeto de Extensão “Cidade desencarcerada”, porém não recebe nenhum recurso federal para sua execução. Para dar continuidade ao projeto, **precisamos de doações de livros** que serão trabalhados com os (as) carcerários (as).

Têm livros em casa e gostaria de **contribuir** para transformar a vida de outras pessoas **por meio da leitura**? Entre em contato com a gente!



Fonte: as autoras.

Figura 18 - Como ajudar?



COMO AJUDAR?

Há pontos de coleta **distribuídos pela cidade**, no campus sede da UFSM, Antiga Reitoria.

Caso prefira, entre em contato com a gente **por direct** e combinamos a entrega!



Fonte: as autoras.

3.5 BANNER

Outra ação deste plano, é a criação de um banner, que possa ser distribuído por pontos específicos da cidade, como universidades, escolas, livrarias, sebos, clubes de leitura, entidades de apoio cultural como a CESMA, e demais espaços que os participantes do grupo julgarem relevantes. Junto ao banner, estará uma caixa para doações de livros.

A paleta de cores seguiu a utilizada para a criação das artes para o Instagram, a fim de manter uma unidade com as demais peças comunicacionais do projeto. A confecção foi uma necessidade levantada pelo grupo, para facilitar as doações. Ele é de extrema importância, pois é uma maneira efetiva e direta de entrar em contato com o público alvo, tornando as doações muito mais acessíveis, visto que os pontos de coleta estarão distribuídos por diversos locais da cidade.

Figura 19 - Banner



Fonte: as autoras.

3.6 RELEASE

Para a divulgação em mídias da universidade e da cidade, propomos a construção de um release. Através dele apresentamos o que é o Projeto, quando surgiu, onde acontece, quem atua, quantos carcerários (as) participam, e qual a metodologia utilizada. Além disso, também divulgamos as necessidades do Projeto e as formas de contribuir para sua continuação.

Sugerimos que seja enviado para a Agência de Notícias, TV Campus e rádio UniFM da UFSM, para os Núcleos de comunicação e assessorias das unidades de ensino da UFSM, bibliotecas da UFSM, todas as universidades de Santa Maria, Jornal Diário de Santa Maria, RBS Santa Maria, programas das rádios da cidade (Imembuí, Medianeira, Web Rádio Armazém, entre outras) colunistas locais da internet, e também junto com a carta de apoio para as livrarias e sebos que busca-se parcerias.

Quadro 2 - Release

Projeto Livros que Livram incentiva a leitura com pessoas em privação de liberdade

O *Projeto Livros que Livram* teve início no primeiro semestre de 2019, e é um Projeto de leitura com carcerários e carcerárias do Presídio Regional de Santa Maria e Penitenciária Estadual de Santa Maria (PESM). Tem como objetivo desenvolver o hábito de leitura entre homens e mulheres em cárcere, a partir de uma perspectiva emancipadora dos sujeitos.

O projeto faz parte de uma recomendação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), n. 44, do dia 26 de novembro de 2013. Este documento recomenda que a Remição pela leitura aconteça nas casas penais brasileiras. Assim como atividades de trabalho e estudos garantem aos apenados (as) dias de remição da pena, a leitura passou a integrar como uma atividade a proporcionar dias de remição. No entanto, não é uma obrigação, e cabe às casas prisionais a responsabilidade pelo seu funcionamento.

Para a implementação da remição através da leitura no Presídio Regional de Santa Maria e Penitenciária Estadual de Santa Maria, houve uma parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Desta forma, docentes e estudantes dos cursos de Direito, Pedagogia e Comunicação Social assumiram as atividades de leitura com os carcerários (as), integrando a remição pela leitura ao Projeto de Extensão “Cidade Desencarcerada”, que já estava em atividade. A partir deste momento, deu-se o nome de “Livros que livram” ao projeto.

Como metodologia de trabalho, as docentes e estudantes apresentam as obras para os detentos (as) e após um tempo estipulado para a leitura (21 dias a um mês) retornam ao presídio/penitenciária para realizar o debate sobre a leitura e acompanhar a escrita de resenhas sobre a obra. A avaliação do material é feita pelas docentes e estudantes, enquanto o juiz julga os pedidos de remição. A cada livro lido e resenha aprovada, os encarcerados (as) podem vir a adquirir quatro dias de remição da pena, totalizando 48 dias, ao longo de um ano.

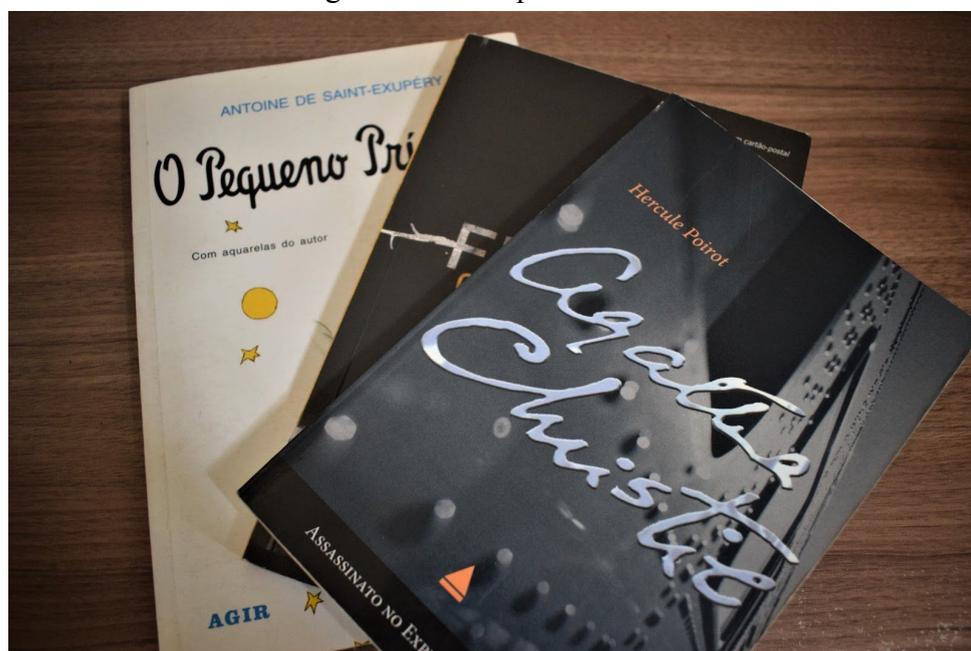
Na Penitenciária Estadual de Santa Maria, são dois grupos de leitura, cada um com aproximadamente 5 homens carcerários. No Presídio Regional de Santa Maria há um grupo

com 5 homens e outro com 8 mulheres. Quando há desistência de algum participante, novas pessoas são selecionadas para participar.

Alguns livros lidos em 2019 foram: Capão pecado (Ferréz); Literatura, pão e poesia - (Sérgio Vaz); Monte cinco (Paulo Coelho); Quarto de despejo (Carolina Maria de Jesus); Olhos d'Água (Conceição Evaristo); O pequeno príncipe - (Antoine de Saint-Exupéry); Assassinato no expresso do oriente - (Agatha Christie), entre outros.

Para a continuidade do Projeto, existe a necessidade de arrecadação de novos livros para serem trabalhados em 2020. Há pontos de coletas no campus sede da UFSM, Antiga Reitoria (citar outros lugares quando as caixas forem colocadas). Pessoas que tiverem o interesse em contribuir com o projeto, seja por meio de doações de livros, ou apoio, podem entrar em contato através do e-mail ufsmremicaopelaleitura@gmail.com ou em nossa rede social @ (em construção)

Figura 20 - Foto para o release



Fonte: as autoras.

3.7 PARCERIAS COM EDITORAS E SEBOS

Como forma de expandirmos a visibilidade do Projeto, consideramos importante a realização de parcerias com Clubes de Leitura, Livrarias e Sebos de Santa Maria. Visto que nestes locais frequenta um público leitor, há um potencial de contribuírem com doações para o Projeto. Sendo assim, as caixas de coletas podem ser deixadas nesses locais, ampliando também os pontos de arrecadações na cidade.

Assim como os clientes, os próprios donos dos estabelecimentos podem vir a contribuir, caso haja livros repetidos, ou com pouca saída. Além do mais, as parcerias são importantes para a troca de livros. Caso o Projeto receba um livro que não tem condição de ser trabalhado com os (as) carcerários (as), como livros com linguagem muito formal e pouco acessível, tendo em vista a escolaridade dos participantes, pode acontecer a troca deste livro por outro no sebo/livraria.

Entre os locais selecionados para parcerias, estão o Sebo Capitu, Sebo Camobi, Cesma e Clube de Leitura Bem Ditas, que acontece no Salu's Casa Café. Destacamos principalmente a CESMA, por seu caráter cultural e histórico em Santa Maria. A CESMA surgiu em 1978 por um grupo de estudantes hoje funciona como uma cooperativa que realiza ações de fomento a arte em Santa Maria, promovendo e apoiando diversos projetos culturais como Cineclube, Santa Maria Vídeo e Cinema, Feira do Livro de Santa Maria, entre outros.

Sugerimos que seja enviado uma carta de apoio, que apresente o projeto, seus objetivos e contribuições. O release também pode ser enviado.

3.8 RODAS DE CONVERSAS

No dia 10 de outubro de 2019, os (as) participantes do Projeto de remição pela leitura realizaram uma roda de conversa na Antiga Reitoria da UFSM, com o intuito de apresentar à comunidade as experiências do projeto. Foram expostos os objetivos e desafios do projeto, além das primeiras impressões obtidas a partir do mesmo. Além disso, essa foi uma oportunidade para arrecadar livros que poderão ser trabalhados com os (as) carcerários (as).

Foi proposto pelo grupo a realização de mais edições de rodas de conversas, visto a capacidade desta ação em tornar-se um canal de comunicação direta com o potencial público contribuinte do projeto. Paulo Freire nomeia as rodas de conversas como “Círculos de

Cultura”, que é um diálogo, em que “[...] o pensar do educador somente ganha autenticidade, na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação[...]” (FREIRE apud GUARDA, LUZ, RODRIGUES, BELTRAME, 2017, p. 12892). As rodas de conversas têm esse caráter de quebrar com uma comunicação unidirecional, pois oportunizam que todos que fazem parte deste círculo, possam construir coletivamente, trazendo seus comentários e pontos de vistas.

Sugerimos que a próxima oficina seja realizada no Campus Sede da UFSM, preferencialmente no auditório do 74C, prédio do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH). Acreditamos que os cursos das áreas das humanas e sociais da UFSM tenham maior interesse em conhecer e participar do projeto, principalmente pela aproximação do contato com a temática dos direitos humanos.

Além disso, também identificamos a necessidade de expandir as rodas de conversas para além da universidade, já que a comunidade externa também faz parte do público alvo. Para isso, algumas das sugestões de locais para realização do evento são a Cooperativa de Estudantes de Santa Maria (CESMA), cafeterias, livrarias e sebos que tenham interesse e afinidade com a causa.

Além da participação dos (das) integrantes do projeto, acreditamos que seja interessante a presença de profissionais dos presídios (Presídio Regional de Santa Maria e Penitenciária Estadual de Santa Maria - PESM) como as assistentes sociais e psicólogas, para que possam contribuir com suas impressões sobre o projeto, trazendo relatos da população carcerária, as quais possuem contato próximo e diário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando optamos pelo tema deste Projeto Experimental, estávamos cientes de que não seria uma tarefa fácil. Começando pela temática do Projeto, um tema pesado, que nos fez refletir sobre nossas próprias visões e construções de mundo no percorrer deste trajeto. Sabíamos que a população carcerária é um grande tabu para a sociedade atual, e que criar uma campanha de comunicação para o Projeto que atende essa população marginalizada e invisível, teria grandes chances de não ter o retorno que gostaríamos. Ainda assim, unimos nossas forças, pois acreditamos neste projeto, na sua potencialidade de trazer contribuições reais para a comunidade. Acreditamos que estas pessoas têm potencial de ressocialização, e que isto não se dá através da simples segregação do resto da sociedade, mas sim, através da educação.

Resolvemos fazer este TCC como um Projeto Experimental, pois acreditamos que a Academia precisa se tornar mais aberta à comunidade que está fora dela. Gostaríamos através de nossa pesquisa e prática, levar nem que minimamente uma contribuição real para fora da UFSM.

Tivemos pouco tempo para a realização deste Projeto, visto que as duas integrantes realizavam outras pesquisas na disciplina de TCC I, e resolveram se unir para a criação deste projeto experimental somente na disciplina de TCC II, o que acabou tornando o tempo para a sua execução ainda mais limitado. Dentro do nosso prazo de execução, que foi agosto, setembro, outubro e novembro, tentamos abraçar tudo que estivesse dentro das nossas possibilidades para contribuir com a continuação do Livros que Livram em 2020.

A criação de uma marca neste tempo relativamente curto, menos de um mês, foi um dos diversos desafios. Sabíamos da responsabilidade que estávamos carregando, de passar uma mensagem positiva do Projeto, visto que a marca é um dos primeiros contatos que o público tem com qualquer tipo de negócio. Poder representar a essência do Livros que livram foi desafiador. Mas como adoramos um desafio, mergulhamos fundo nisso, analisamos tantas e tantas imagens, marcas, tipografias entre outras coisas necessárias para concretização da marca, em termos físicos, porque no mundo das ideias ela já estava em formação há muito tempo.

Alguns imprevistos também de comunicação com os outros integrantes do grupo Livros que Livram, conseguindo uma reunião com uma parte significativa do grupo somente

em novembro. Isso certamente dificultou o planejamento das ações e estratégicas. Destacamos que ainda há muito a ser feito para que se alcance a visibilidade deste projeto. Posteriormente a este trabalho, continuaremos, da forma que pudermos, a contribuir com o projeto, seja criando novos materiais, ou realizando doações. Gostaríamos que nosso trabalho fosse apenas a primeira semente plantada que pudesse ser regada e cuidada por outras pessoas da Comunicação interessadas em colaborar para dar sequência a essa campanha de comunicação e na criação de novos materiais para divulgação.

Além disso, também salientamos a necessidade de pesquisas sobre o cárcere na área da Comunicação. Durante este processo, as pesquisas que utilizamos foram basicamente das áreas do Direito e Ciências Sociais, sendo somente um trabalho de Conclusão de Curso da área do Jornalismo. Acreditamos que a Comunicação tem um potencial muito grande para construir novos discursos, que ajudem a desmistificar o preconceito com esta temática. Grande parte das notícias sobre a população carcerária são relacionadas a rebeliões ou fugas, raramente trazendo alguma problematização sobre o sistema carcerário brasileiro.

Apesar das dificuldades que vivenciamos ao longo deste trabalho e das limitações já citadas, crescemos muito neste percurso. Ter aceitado este desafio, certamente nos fez evoluir muito como profissionais, mas principalmente como seres humanos. Conhecemos muito sobre o sistema carcerário, sobre as especificidades de gênero neste ambiente e sobre formas alternativas de ressocialização dos sujeitos.

Além disso, o contato direto de uma das integrantes do trabalho (Luciana) com as carcerárias, foi ainda mais enriquecedor. Acompanhar na prática o que lemos na teoria é uma experiência engrandecedora, que trouxe conhecimentos e reflexões que serão levadas para o resto da vida. Como futuras profissionais da comunicação, acreditamos no papel social desta área. Vemos no Jornalismo e na Publicidade potenciais de transformação, e é neste caminho que pretendemos seguir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de Bolsonaro presidente : conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr., 2019. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/5615>> Acesso em: 10 nov. 2019.

AMBROSE, G.; HARRIS, P. **Fundamentos de design criativo**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

ARMELIN, B. Dal F; MELLO, D. C; GAUER, G. J. C. Filhos do cárcere: estudo sobre as mães que vivem com seus filhos em regime fechado. **Revista da graduação**. Porto Alegre, v.3, n.2, p.1-17, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/7901/558>> Acesso em: 1 set. de 2019.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. CNJ registra pelo menos 812 mil presos no Brasil; 41,5% não têm condenação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/17/cnj-registra-pelo-menos-812-mil-presos-no-pais-415percent-nao-tem-condenacao.ghtml>> Acesso em: 11 out. 2019

BARCINSKI, M; CÚNICO, S. D.; Os efeitos (in)visibilizadores do cárcere: as contradições do sistema prisional. **Psicologia**, Lisboa, vol.28 n.2, p. 63-70, dez.2014. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v28n2/v28n2a06.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2019.

BARROS, A. M; JORDÃO, M. P. D. A cidadania e o sistema penitenciário brasileiro. Disponível em: <https://carceropolis.org.br/static/media/publicacoes/A_cidadania_e_o_sistema_penitenci%C3%A1rio_brasileiro.pdf> Acesso em: 25 out. 2019.

BASTOS, A. A.; BASTOS, A. A. A; Um olhar etnográfico sobre a atuação estatal no tratamento ao encarcerado: uma análise a partir do presídio regional de Santa Maria. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 32, p. 44-68, jan/jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000100004> Acesso em: 21 ago. 2019.

BEZERRA, Eudes. Lombroso e a teoria do Criminoso Nato. **Incrível História**, 2015. Disponível em: <<https://incrivelhistoria.com.br/lombroso-criminoso-nato/>> Acesso em: 12 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN Mulheres**. Brasília, 2016. Disponível em: http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopenmulheres_arte_07-03-18.pdf Acesso em: 10 set. 2019

BRASIL. Superintendência dos Serviços Penitenciários. 2ª DPR - Região Central (sede em Santa Maria). Brasília, 2019.

BRASIL.Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias Atualização - Junho de 2017**. Brasília, 2017.

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. Brasília, 2017. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>> Acesso em: 21 out. 2019

BRASIL.Recomendação n. 44, de 26 de novembro de 2013. **Consultor jurídico**, Brasília, DF, 11.set.2019. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/dl/portaria-44-cnj.pdf>> Acesso em:11 set. 2019

BRASIL. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias Atualização - Junho de 2017. Brasília, 2017. Disponível em:

<<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-r-ev-12072019-0721.pdf>> Acesso em: 25 out. 2019

BRASIL. Superintendência dos Serviços Penitenciários. 2ª DPR - Região Central (sede em Santa Maria). Brasília, 2019. Disponível em:

<http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=9&cod_conteudo=39> Acesso em: 12. set. 2019

BRASIL. Crimes resultantes de raça e cor. Brasília, 2012. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm> Acesso em: 14 out. 2019

CHIES, L. A. B. A questão penitenciária. **Tempo Social**, São Paulo, v.25, n.1, p.15-36, 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702013000100002&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 26 ago. 2019.

COLARES, L. B. C; CHIES, L.A.B. Mulheres nas so(m)bras: invisibilidade, reciclagem e dominação viril em presídios masculinamente mistos. **Revista Estudos Feminista**, Florianópolis, v.18, n.2, p.407-423, mai/ago., 2010. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000200007/13626>> Acesso em: 30 ago. 2019.

CUNHA, E. L da; Ressocialização: o desafio da educação no sistema prisional feminino. **Cadernos CEDES**, Campinas, vol.30, n.81, p.157-178, 2010. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n81/a03v3081.pdf> 2010 p. 166> Acesso em: 20 set. 2019

DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. de; SANTOS, C. de A.. A Qualidade da Educação: Conceitos e Definições. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, p. 201-215, 2007.

FARINA, M; PEREZ, C; BASTOS, D. cor: signo cultural e psicológico. In: **Psicodinâmica das cores**. 6.ed. São Paulo: Blucher, 2011. cap. 4, p.85-111.

FERNANDES, Bianca. Cesare Lombroso e a teoria do criminoso nato. Canal Ciências Criminais, 2018. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.com.br/cesare-lombroso-criminoso-nato/>> Acesso em: 12 set. 2019.

FONSECA, K. P. (Re)Pensando o crime como uma relação de antagonismo entre seus autores e a sociedade. São Paulo, vol.26, n.4, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000400002&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 26 ago. 2019.

FREIRE FILHO, J. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. **ECO-PÓS**. v. 7, n. 2, p. 45-71, ago/dez, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1120>. Acesso em: 5 out. 2019.

GOFFMAN, E. Estigma e identidade cultural. In: **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. [S.l.:s.n.]: LTC, 1891, cap. , p. 5-37.

GUARDA, G. N; LUZ, T. N; RODRIGUES, T; BELTRAME, L.M. Subjetividades e Educação. A roda de conversa como metodologia educativa: o diálogo e o brincar oportunizando o protagonismo infantil na sala de aula. In: IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividades e Educação, 2017, Chapecó/SC. **Anais...Chapecó/SC** Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017, p. 1-14.
<https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26991_13947.pdf>

JOHN, V. M; **“Palavras da salvação”**: as representações da leitura na prisão”. 2004, 192 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

JOHN, V. M; Palavras que salvam: usos e representações sobre a mídia impressa na prisão. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Florianópolis, v.9, n.17, p-196-205, jul/dez. 2012. Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/453/257>> Acesso em: 5 out. 2019.

JULIÃO, E. F; PAIVA, J. A leitura no espaço carcerário. 2014. p. 112. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v32n1p111>> Acesso em: 24 out. 2019.

LAGO, Davi. Retratos da leitura do Brasil.G1, 6 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/2019/01/06/retratos-da-leitura-no-brasil.ghtml>> Acesso em: 11 nov. 2019.

LIMA, V. Mídia e encarceramento. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM PRISÃO, 2017, Recife/PE. **Anais...Recife/PE**: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. p.53-67.

LUPETTI, MARCÉLIA. **Gestão estratégica da comunicação mercadológica**. São Paulo: Cengage Learning, 1. ed. 2009.

MACHADO, A. E. B; SOUZA, A. P dos R.; SOUZA, M. C. de; Sistema Penitenciário Brasileiro - origem, atualidade e exemplos funcionais. **Revista do Curso de Direito**, São Paulo, v.10, n.10, p.201-212, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/RFD/article/view/4789>> Acesso em: 20 ago.2019

MACHADO, N; GUIMARÃES, I. S. A Realidade do Sistema Prisional Brasileiro e o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana. **Revista Eletrônica de Iniciação Científica**, Itajaí, v. 5, n.1, p. 566-581. Disponível em: <<https://www.univali.br/graduacao/direito-itajai/publicacoes/revista-de-iniciacao-cientifica-ri/cc/edicoes/Lists/Artigos/Attachments/1008/Arquivo%2030.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2019

MIYAMOTO, Y; KROHLING, A. Sistema prisional brasileiro sob a perspectiva de gênero: invisibilidade e desigualdade social da mulher encarcerada. **Direito, Estado e Sociedade**, Rio de Janeiro, n.40, p.223-241, jan/jun. 2012. Disponível em: <<http://direitoestadosociedade.jur.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=235&sid=22>> Acesso em: 5 set. 2019

ONOFRE, E. M. C.; JULIÃO, E. F.; A Educação na Prisão como Política Pública: entre desafios e tarefas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 51-69, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n1/05.pdf>> Acesso em: 28 set. 2019

PINEL, W. R; RESES, E. da S. Encarceramento e gênero: um panorama sobre a penitenciária feminina do Distrito Federal como espaço educativo. **Revista de Ciências Sociais e humanas**, Picaricaba, v.28, n.72, p.140-150, maio/ago., 2018. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/3815/227>> Acesso em: 28 ago. 2019.

PINHEIRO, G. das N. **A estigmatização como elemento gerador da reincidência : uma análise sob a ótica do Labelling Approach**. 2019, 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS. 2019 <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/1722>

PROENÇA, D. M; OLIVEIRA, M. M; Remição pela Leitura: a Literatura e a Humanização no Cárcere. In Humanidades em contextos - saberes e interpretações, 2014, Cuiabá/MT. **Anais...Cuiabá/MT**: Universidade Federal do Mato Grosso, 2014, s/p.

PÚBLIO, M. **Como planejar e executar uma campanha de propaganda**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

QUEIROZ, N. **Presos que Menstruam**. 6ª edição. Rio de Janeiro: RECORD, 2016. 292 p.

RAUTER, C. Clínica e estratégias de resistência: perspectivas para o trabalho do psicólogo em prisões Cristina Rauter. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.42-47, mai.2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n2/a06v19n2.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2019.

RODRIGUES, A.S. Raça, gênero e sistema prisional: relato de experiências com mulheres negras que cumprem penas em regime aberto ou semi-aberto. **Revista África e Africanidades**, Ano I, n. 3, p.1-17, nov., 2008. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Raca_Genero_e_Sistema_Prisional.pdf> Acesso em: 04 set. 2019.

RODRIGUES, B. A origem do sistema penitenciário. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/66235999/a-origem-do-sistema-penitenciario>> Acesso em: 24 ago. 2019.

SANTOS, B.S. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua Nova. Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 39, p.105-124, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-64451997000100007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 19 set. 2019

SANTOS, S. M. A Ressocialização Através da Educação. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/31250-34757-1-PB.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2019.

SILVA, A. L da; SILVA J..F. da; LOPES, V. R.F. Os problemas do cárcere feminino no Brasil e seus reflexos na essência feminina. Disponível em: <<https://ferreiravitoria.jusbrasil.com.br/artigos/433359243/os-problemas-do-carcere-feminino-no-brasil-e-seus-reflexos-na-essencia-feminina>> Acesso em: 13 ago. de 2019

SPINDOLA, L. S. A mulher encarcerada no sistema penal brasileiro: a busca de soluções para as especificidades do gênero feminino no tocante à maternidade. Brasília, p.1-29, 2016. Disponível em: <<http://dspace.idp.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2274>>

STEIN, D. K.; SILVA, C. A. F. da; CUNHA, M. N. Remição da pena pela leitura. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/62251/remicao-da-pena-pela-leitura>> Acesso em: 12 nov. 2019

TARSITANO, P. R; NAVACINSK, S. D. G. Marca: patrimônio das empresas e diferencial dos produtos. **Portal metodista de periódicos científicos e acadêmicos**, v.25, n.41, p. 56-72, 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4030>>

TAVARES, G. M.; MENANDRO, P. R. Atestado de exclusão com firma reconhecida: o sofrimento do presidiário brasileiro. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v.24, n. 2, p. 86-99, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932004000200010&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 2 set. 2019

TOLEDO, José Roberto. O conservadorismo vai a faculdade. Folha de São Paulo, 11 de abr. de 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/grafico-conservadorismo/>> Acesso em: 12 out. 2019

YAMASHIRO, Agatha. 21 fontes manuscritas/ hand writing free. Disponível em: <<https://www.deslgnon.com/2016/11/fontes-manuscritas-hand-writing/>> Acesso em: 17 nov. 2019.